

ARTHUR AZEVEDO E MOREIRA SAMPAIO

O CARIOCA

Revista fluminense do anno
de 1886, em um pro-
logo, tres actos e
16 quadros

MUSICA DE DIVERSOS AUTORES



RIO DE JANEIRO

EMPRESA EDITORA — DIARIO DE NOTICIAS —

1887

O CARIOCA

REVISTA FLUMINENSE DE 1886

Representada
pela primeira vez no Imperial Theatro
D. Pedro II
em 31 de Dezembro de 1886.

FQ
9697
A55
C34
1387

AO ACTOR

MARTINS

Com os agradecimentos de

A. A.

M. S.

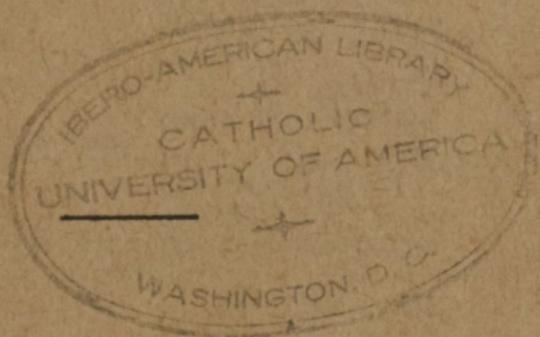
ARTHUR AZEVEDO E MOREIRA SAMPAIO



O CARIOCA

**Revista fluminense do anno
de 1886, em um pro-
logo, tres actos e
16 quadros**

MUSICA DE DIVERSOS AUTORES



RIO DE JANEIRO

EMPRESA EDITORA—DIARIO DE NOTICIAS—

1887

PERSONAGENS

Soares.....	Sr. Vasques.
Dr. Sá Bichão.....	Sr. Mattos.
Tavares	Sr. Mesquita.
Elrei Conto de Reis, Commendador Campello. Dr.	
Chauvin, Tenente coronel Regadas, Felippe	Sr Martins.
O Patacão, Chú- Chú, General Re- dondo, Sir John, Duque de Vizeu.	Sr. Arêas.
Dr. Maximo, Jornal do Commercio, C. V I. o Almirante.	Sr. Lisboa.
Mello, Dr. José Ma- ria, Xumby-Cae- na, Rio de Janeiro (jornal), um mes- tre-escola, um ma- nifestante, o actor Polla	Sr. Phebo.
O Vintem, Um senho- ri, Paiz (jornal), outro manifestante	Sr. Silva.
Janos, o capitão Martinetti, Santa- Anna, Diario Offi- cial, outro mani- festante, um em- prezario de papa- gaio.	Sr. Nino.
Um freguez da Mai- son Moderne, um previdente , o com- mendador, Diario de Noticias, Conde de Moray.....	Sr André.

Cincoenta mil reis, outro freguez da Maison Moderne, um entusiasta, um doente, o Boletim Commercial, um sa- christão.....	Sr. Machado.
Nicoláo, um official de justiça	Sr. J. Dias.
Vinte mil réis, um caixeiro da Maison Moderne, um cai- pira.....	Sr. Cesar.
Outro doente, outro caipira.. ..	Sr. Dias.
Diario do Brasil.. .	Sr. Pertuis.
Bolesláo.....	Sr. Stinger.
Um typo.....	Sr. Carlos.
Outro	Sr. Leal
Dez Réis	men ^o Francisco.
Nickelna	Mme. R. Villiot.
D. Chiquinha.....	D. Isabel.
Mindoca.....	D. D. Phebo.
Olga, Gazeta de Noti- cias, Societé Ano- nyme.....	Mme Delmary.
Uma grande celebri- dade.....	D. C. Polonio.
A rainha Apolice, D Engracia, A Martyr	D. M. Caminha
A Inspectoria de Hy- giene, a empreza Rossi	Mme. Oudin.
Genoveva, Mlle X., o Gryphus.....	D. Euphrazia.
Gazeta da Tarde, a companhia de D. Maria II.....	D. Adelaide.
1 ^a Finança, um vende- dor de balas, o Ra- taplan	D. M. Picherrau
L'Italia, a empreza Ferrari.....	Signora Garcia
A prata de dous mil reis.....	D. Aurelia.

- 2ª Finança, um vendedor de jornaes, um reporter. D. R. Bergmann
Um vendedor de phosphoros, a Bulicioff, a madrinha..... Mme. Jenny.
Cincoenta mil réis,
Vinte mil réis, Cinco mil réis, Dez mil réis,
Duzentos mil réis,
Trinta mil réis, Cem mil réis, Dous mil réis,
Mil réis, Quinhentos réis, A pratinha de cem réis,
A pratinha de duzentos réis, A pratinha de quinhentos réis,
A pratinha de mil réis, O pataco... N. N.

Notas e nickeis, jornaes e periodicos, visitantes da Santa Casa, doentes, manifstantes, caipiras, trabalhadores da companhia do gaz, estudantes, cervejas condemnadas, povo, etc.

Musica de diversos autores, coordenada e instrumentada pelo Sr. Carlos Cavalier, que compoz alguns numeros. Scenario dos Srs. Claudio Rossi, Oreste Coliva, Carrancini e Frederico de Barros. Vestuarios imaginados e executados pelo Sr. F. Lisboa e Mme. Victorina Pezzana.

N'esta edição não se fizeram as alterações exigidas pelo Conservatorio Dramatico nem pelas conveniencias de scena.

PROLOGO

QUADRO I

Sala em casa de D. Chiquinha.—Mesa ao centro e cadeiras. Sobre a mesa um pequeno toucador e respectivas pertencas.

SCENA PRIMEIRA

MINDOCA, depois D. CHIQUINHA (Ao levantar do panno, MINDOCA está sentada em frente á mesa, mirando-se ao espelho, pondo pó de arroz no rosto, arranjando o penteado).

D. CHIQUINHA (dentro). — Mindoca !... Mindoca !

MINDOCA. — Ah ! c'est trop ! Emquanto chamares Mindoca, não respondo !... Que birra !

D. CHIQUINHA (entrando). — Bem podia eu chamar até amanha !... Quando a senhora se pespega a um espelho, adeus, minhas encomendas ! Sabe que horas são ?

MINDOCA.—Dez horas à peu près.

D. CHIQUINHA. — Ainda acha cedo ?... Era melhor que estivesse fazendo crochet, em vez de namorar-se.

MINDOCA.—Ainda hontem a manman ouviu o Dr. Sá explicar o di-

ctado: quem não se enfeita por si se enjeita. Il est drôle, le docteur!

D. CHIQUINHA.—Ahi começa com a mania do estrangeirismo!... Bem diz teu primo Soares que mal andámos pondo-te n'um collegio francez. Falla brasileiro, rapariga, falla brasileiro, que é lingua de gente séria.

MINDOCA.—Oh ! o primo Soares ! Que opinião auctorisada ! O primo Soares tem orgulho de ser carioca e abomina tudo quanto é estrangeiro. Gosta de mim, como a mamã sabe, e, se ainda não pedio a minha mão, é porque...

D. CHIQUINHA.—E' porque tu pareces mais franceza que brasileira. Tambem se pedisse perdia o tempo... E' pobre, ganha uma tuteméa, e, emquanto eu fôr viva, só casarás com quem possa dar-te o tratamento que mereces...

MINDOCA.—Coitado do primo Soares ! eu gosto d'elle, parole d'honneur !

D. CHIQUINHA. — Ainda ! Olha, Mindoca...

MINDOCA.—Maman, já lhe pedi o favor de não me chamar Mindoca... Que brasileirismo tão chato ! Meu nome é Arminda !... Par exemple ! Mindoca ! Que raiva !

D. CHIQUINHA.—Hei de chamar-te como quizer...

MINDOCA.—Mas...

D. CHIQUINHA.— Máo, máo !... já sabes que não admitto regras !

SCENA II

AS MESMAS, GENOVEVA

GENOVEVA (entrando). — Sinhá, Pedro já veio da cidade... Aqui está o côco que sinhá mandou «relar»... (Mostra-lhe um prato).

CHIQUINHA.—Oh! sua relaxada!... Não tens vergonha de me trazeres um prato d'estes ! Atrevida ! não sei onde estou que não te quebro a cara com elle !

GENOVEVA.—Sinhá, estas mancha é mesmo do prato... Lavei elle antes de relar o côco.

D. CHIQUINHA.—Não me respondas ! Não vê mesmo que eu aturo escrava respondona ! Sae, some-te de minha presença, antes que eu... (Empurra-a).

MINDOCA.—Maman !

D. CHIQUINHA.—Cale-se você também... não se metta onde não é chamada ! E tu vae já por o côco d'outro prato !

GENOVEVA.—Mas este, eu lavei ele...

D. CHIQUINHA (empurrando-a até á porta). — Some-te ! Este diabo quer deitar-me a perder ! (Genoveva sae empurrada. Ouve-se a queda de um corpo e a bulha de um prato quebrado).

MINDOCA (correndo á porta).— Ah! mon Dieu! Coitada! cahio, maman!... (Entra e continúa a fallar no bastidor.) Cortaste-te?... Vae pôr arnica... na dispensa tem... (Tornando a apparecer.) Pobre Genoveva! Cahio sobre o prato e cortou a mão.

D. CHIQUINHA.—Que grande desgraça!

MINDOCA.—A maman um dia se arrepende. Ella foge, vae ter com os abolicionistas, elles vão á policia...

D. CHIQUINHA.—E o que é que a policia ha de me fazer? Eu sou historica! Tenho uma porção de attestados medicos que o provam.

A VOZ DO DOUTOR.—Dá licença, Sra. D. Francisca?

AS DUAS.—Oh! Sr. Doutor, pôde entrar.

SCENA III

AS MESMAS, DR. SA' BICHÃO.

DOUTOR.—Eu poderia dizer que porta aberta justo pecca, mas receiando abusar...

D. CHIQUINHA.—O Doutor é um amigo velho... bem sabe que nunca abusa.

DOUTOR.—Sei, sei... mas nec semper lilia florent. De um dia para outro cae a casa; não ha bem que sempre dure nem mal que

se não acabe ; o pouco se deseja, o muito se aborrece...

D. CHIQUINHA.—Ha de ser sempre o mesmo amigo bom e delicado.

DOUTOR.—Sabe de onde venho ?

AS DUAS.—De onde ?

DOUTOR.— De uma conferencia espirita... Dissertei sobre um ponto importantissimo : as vidas progressivas. Fui muito aplaudido pelo espirituoso auditorio.

D. CHIQUINHA.—Ah ! tambem se fazem conferencias espiritas ? Julguei que só as houvesse na Gloria.

DOUTOR.—Educar o povo, chamar ao aprisco as ovelhas desgarradas, ensinar ao proximo o verdadeiro caminho da felicidade futura, tal é a missão dos espiritas.

MINDOCA.—Por mais que queira, não posso acreditar no espiritismo. C'est une blague.

DOUTOR.—Pobre espirito rebelde !... não diga semelhante coisa. Leia Allan Kardec e outros, e se depois de os ler não confessar coram populo o seu erro, serei forçado a dizer-lhe que o peor cego é aquelle que não quer ver. A proposito, vou explicar-lhe a origem d'este annexim: Nos tempos de elrei nosso senhor... quando a rua

da Carioca ainda era a rua do Piolho, havia um marido...

D. CHIQUINHA.— Veja lá se é coisa que se possa ouvir...

DOUTOR.— Essa agora! Socegue. Havia um marido...

SCENA IV

OS MESMOS, SOARES.

SOARES.— Bom dia, titia; adeus, Mindoca.

MINDOCA (aparte, furiosa).— Sapristi!

SOARES.— Oh! Dr.! como vae essa bizarria? Ha que tempo não o vejo!

D. CHIQUINHA.— Então hoje não houve repartição?

SOARES.— Hontem trabalhei até a noite, de modo que o director deu-me hoje licença para sahir mais cedo. Preciso descansar.

DOUTOR.— Neque semper arcum tendit Apollo! Faz bem, meu amigo; quem é tolo pede a Deus que o mate.

SOARES.— Como passei pela porta, subi; a prima Mindoca...

MINDOCA.— Primo, já lhe disse que o meu nome é Arminda.

SOARES.— Ora! desde pequeno que a chamo Mindoca, e Mindoca hei de chamal-a até morrer. Mindoca, Mindoquinha, isto é que é bom, isto é que é brasileiro. Ha

de acabar por se convencer de que tenho razão.

DOUTOR.—Agua molle em pedra dura tanto dá até que fura. Este annexim tem uma origem engraçadissima. No tempo em que parte da rua da Quitanda se chamava rua do Sacúsarará... Oh! mas isto é uma historia muito comprida. Fica para logo a explicação.

SOARES (aparte).—Ainda bem.

DOUTOR.—O amigo Soares appareceu ao pintar da faneca. Amicus certus in re incerta cernitur.

SOARES (que, desde que entrou, tem dado mostras de estar incommodado dos pés).— Sempre ás suas ordens. Ui!.. ui!..

TODOS.—Que é?

SOARES. — Comprei umas botas na rua do Carmo e as malditas têm uns pregos nas solas...

DOUTOR.—Porque não usa o calçado inglez? Nada mais commodo.

SOARES.—Calçado inglez? Está doido? E a industria nacional?

COPLAS

(MUSICA DE L. GREGH.)

I

Embora me digam que n'isto ando mal,
Não gósto de nada que seja estrangeiro;
Eu cá só me agrado do que é nacional!
Dos pés á cabeça sou beu brasileiro

Não ha patriotas assim como eu sou !
Quem déra que d'estes bastantes houvesse !
Mas typo assim puro (mentindo não estou)
Desgraçadamente bem raro apparece.

Damnado fico e ás nuvens vou,
Se n'esta terra alguem me toca
E o brio meu alguem provoca ;
Pois não ! eu felizmente sou
Carioca !

II

Ao caro e famoso Maria Brisard
Prefiro a caninha tomada com geito
Um calice apenas bastante é chupar.
Pr'o mais macambuzio fiar satisfeito.
Prefiro ao mais bello petisco francez
Um bom prato fundo da nossa feijoada
Com lombo de porco, toicião pr'a tres,
Limão e pimenta, farinha torrada !

Damnado fico, etc., etc.

DOUTOR.—Ora a industria nacional ! O outro dia passei pelo campo de Sant'Anna e vi n'uma casa o seguinte lettreiro : «Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, fundada em 1836». Ora, se ha 50 annos a auxiliam e ella se acha ainda no estado em que a vemos, não é um par de botas de mais ou de menos que ha de pesar na balança do auxilio. Meu amigo, se lhe dóem os pés, saiba que quem morre por seu gosto acaba por seu regalo. Quando a rua do Ouvidor se chamava ainda rua Aleixo Manoel...

SOARES—Mas o doutor dizia ?...

DOUTOR.—Ah ! sim... tenho uma

idéa sobre a qual quizera ouvir a sua opinião.

SOARES.—Que idéa é? algum novo processo para a fabricação do sol?

DOUTOR.—Upa! upa!... trata-se de curar as finanças do Estado... Se a Sra. D. Francisca consentisse que fossemos para a sala de visitas...

D. CHIQUINHA.—Pois não, doutor! Genoveva! Genoveva! Aquelle diabo é surdo! Genoveva!

GENOVEVA (entrando com a mão amarrada).—Sinhá?

D. CHIQUINHA.—Vae abrir a sala.. Vê se te mexes!

DOUTOR.—Que foi isto na mão, minha filha?

D. CHIQUINHA.—Brincadeiras de umas com as outras. A Clotilde estava com um faca, esta foi puxal-a... e... cortou-se. Já não sabe como é esta gente? Amanhan ou depois está dizendo que fui eu que a maltratei. (A Genoveva). Vae, anda.

DOUTOR.—Até já. (Acompanhando Genoveva, que sae).

SOARES.—Titia, prima Mindoca!..

MINDOCA (ironica).—Primo Casusa!

SOARES.—Isso! dá cá um abraço!... Casusa! Isto, sim, é que é brasileiro!

DOUTOR (applaudindo). — Pul-

chre, bene, recte ! (Sae com Soares).

SCENA V

B. CHIQUINHA, MINDOCA, depois GENEVEVA, depois TAVARES.

D. CHIQUINHA.—Agora é tratar da vida. Vae buscar o teu trabalho.

MINDOCA.—Ora, maman, deixe-me primeiro acabar de ler aquelle romance francez. Falta só um capitulo.

D. CHIQUINHA.—Romances ! Era melhor que lesses a «Doceira Brasileira» ou o «Manual do Gallinheiro».

GENEVEVA (entrando). — Sinhá, seu Tavares está ahi.

D. CHIQUINHA. — Que massante ! Manda-o entrar para cá. Escusado é interromper o doutor lá na sala. (Geneveva sae.)

MINDOCA. — Eu é que não estou para atural-o. Au revoir, maman ! (Sae.)

D. CHIQUINHA.— Iha o crochet !

TAVARES (da porta).—Dá licença?

D. CHIQUINHA.—Pois não, seu Tavares ! Seja muito bem apparecido ! Como está a Maricota ? E a Téca ? A D. Josephina já ficou boa de todo ?

TAVARES.—Estão todas boas; não

mandaram lembranças, porque não sabiam que eu vinha cá.

D. CHIQUINHA. — Qualquer dia d'estes hei de ir visital-as.

TAVARES. — Com tanto que não seja esta semana. Com as chuvas torrencias que cahiram ultimamente e que tantos desastres causaram...

D. CHIQUINHA.—E'... dizem que até morreu um moço...

TAVARES (continuando).—A casa ficou em misero estado... Estamos de mudança para Santa Thereza.. lá ao menos não ha perigo de enchentes...

D. CHIQUINHA. — Quando estiverem mudados, comunicuem-nos.

TAVARES (sentando-se).—Estimei muito encontral-a só. Venho falar-lhe de assumpto importantissimo, que muito nos interessa.

D. CHIQUINHA.—Ah?

TAVARES.—Faz hoje exactamente um mez que tive a honra de pedir-lhe a mão de D. Arminda...

D. CHIQUINHA.—E eu respondi-lhe, com toda a franqueza, que minha filha só se casaria com quem lhe pudesse dar um certo tratamento, e, embora não fosse rico, estivesse em condições de garantir o seu futuro. Óra, o senhor não tem emprego, não tem fortuna; passa os dias na rua do Ou-

vidor... desculpe, mas eu cá sou muito franca.

TAVARES.—A' vista do seu ultimatum, a mim proprio jurei mudar de vida. Quiz pedir um emprego publico, mas o empregado publico anda sempre com a sella na barriga e não passa de um pobre de casaca.

D. CHIQUINHA. — Nem eu dava minha filha a empregado publico; salvo a algum thesoureiro, pagador ou coisa que o valha...

TAVARES.—São logares que exigem fiança; além do que, eu estou pouco disposto a sahir do Brasil...

D. CHIQUINHA.—Sahir do Brasil?

TAVARES. — Sim, porque nada mais natural do que um homem alcançar-se, e, depois de alcançado, só tem um recurso: alcançar... algum paquete para os Estados Unidos.

D. CHIQUINHA.—Dizia, porém?...

TAVARES.—Ah! sim!... lembrei-me do commercio, mas, não tendo capital, vi que perderia o tempo. Em summa, começava a desesperar, quando uma idéa... mas que idéa, minha senhora!... que idéa grandiosa!

D. CHIQUINHA.—Qual?

TAVARES.—Temos este anno eleição municipal... Vou ser vereador.

D. CHIQUINHA. — Realmente a

idéa não me parece má. Meu finado marido dizia sempre : Ah ! se eu fosse eleito vereador, outro gallo nos cantaria ! Quanto ganha por mez um vereador ?

TAVARES.—Nada ; o cargo é gratuito.

D. CHIQUINHA.— Gratuito ! mas então porque é que tanta gente quer ser ?

TAVARES.—Uns para fazer carreira politica ; outros, bem poucos, para servir o paiz ; outros, bastantes, para tratar da vida que a morte é certa. Eu serei d'estes. Diabos me levem se, terminado o quadriennio, ainda precisar trabalhar !

D. CHIQUINHA. — Pois, seu Tavares, vou tambem empenhar-me para o senhor ser eleito.

TAVARES. — Isso, isso, D. Chiquinha !

D. CHIQUINHA.—Se vencermos, a Mindoca será sua.

TAVARES.—Porque não havemos de vencer ? Com meia duzia de votos está um homem eleito.

D. CHIQUINHA.—Meia duzia só ?

TAVARES. — O meu, o de meu pae, o de meu mano, o de um primo e o do meu alfaiate... já os tenho. Com poucos mais serei... seu genro. Vou redigir uma circular aos eleitores, promettendo mundos e fundos a bem do muni-

cipio. Obtida uma cadeira na edilidade...

D. CHIQUINHA.—Que vem a ser edilidade ?...

TAVARES.—Nunca vio uma porca amamentando leitões ? Deita-se a dormir e dá de mamar ao gato, ao cachorro, ao porquinho, indiffereentemente... Pois a edilidade é uma especie de porca, em que muitos mamam...

D. CHIQUINHA.—Pobre animal !

TAVARES.—Agora com licença. Vou sondar as influencias eleitoraes... D'aqui a dias terá noticias minhas. Trabalhe por seu lado ; o que a mulher quer, Deus quer.

D. CHIQUINHA.—Vá, e seja feliz.

TAVARES.—Lembranças a D. Mindoca... Ah ! é verdadê... Ella estará pelos autos ?

D. CHIQUINHA.—Que remedio ! N'esta casa quem manda sou eu.

TAVARES (beijando-lhe a mão).—Então, minha sogra, até a vista.

D. CHIQUINHA.—Recommendemos ás manas. (Tavares cumprimenta e sae.)

SCENA VI

D. CHIQUINHA, depois MINDOCA

D. CHIQUINHA.— Vereador !... a porca !... muitos mamam... Achei o genro que me convem ! (Chamando). Mindoca !.... Mindoca,

não, que ella não gosta ! Armin-
do !... Mlle. Arminda !

MINDOCA (entrando a correr e
indo beijar a mãe).—Me voila !
me voila !

D. CHIQUINHA.—Sabes que dei a
tua mão ao Tavares ?

MINDOCA.—Ao Tavares ?... Nun-
ca ! nunca me casarei com aquel-
le badameco !... Jamais de la vie !

D. CHIQUINHA.—A porca...muitos
mamam... E' uma sorte grande !

MINDOCA.—Não quero ! Gosto do
primo Soares ! Gosto d'elle !.. Não
hei de casar com outro ! E logo
com quem, meu Deus do céu ?...
com um sugeito sem eira nem
beira !...

D. CHIQUINHA.—Tola, se te digo
que vae ser eleito vereador... a
porca...

MINDOCA.—Que historia de porca
é essa ?

D. CHIQUINHA.—Um animal em
que muitos mamam...

MINDOCA (batendo o pé).— Não
caso com o Tavares !... não ca-
so !... não caso ! Voila !

D. CHIQUINHA.— Não ha voalás
nem meio voalás ! Hei de mos-
trar-te que quem manda aqui não
é o visinho ! Ora, uma filha com
vontades ! E' o que veremos !
(Sahindo) Não vê mesmo que hei
de perder esta occasião de ser
sogra da Camara Municipal !

SCENA VII

MINDOCA, depois SOARES e DR. SA

MINDOCA.—Casar-me com o Tavares! Não me faltava mais nada!

SOARES (entrando e continuando uma conversa com o doutor).— Não ha duvida, e se a sua proposta fôr acceita...

DOUTOR.— A salus populi será uma realidade.

MINDOCA. — Ah! primo, sabe! (Puxa-o de parte e falla-lhe muito depressa) A mamam quer que me case com o Tavares... se elle fôr eleito vereador... E' preciso a todo transe impedir este casamento... mas como?

SOARES (com um pulo).—Casal-a com o Tavares? Ui! malditas botas! (com um pé no ar) mas eu gosto de você e não consinto...

MINDOCA. — Veja então se descobre um pé...

SOARES.—Um pé!... Uma bota é o que eu quero!

MINDOCA.—Mais non! um pretexto ou um meio... comtanto que eu não case com o Tavares! Entrego-me em suas mãos. Faça o que entender. (Sáe).

SOARES.—Se eu conseguisse obstar a que fosse eleito... Que patife... Quer ser vereador para casar... Com que tenções não está elle!

DOUTOR (aproximando-se). — Que foi ? Ha alguma novidade ?

SOARES.—Eu lhe digo, meu amigo... minha prima está muito afflicta... A mãe quer casal-a com o Tavares...

DOUTOR. — Com aquelle lhagalhé?... Sabe a origem d'esta palavra ?

SOARES (impaciente). — Sei... sei... li a sua explicação no «Journal do Commercio»... O tratante apresenta-se candidato á vereança, e uma vez eleito... Que fazer?... Aconselhe-me!... (Vae pôr o pé no chão). Ui!... (Torna a levantar o pé).

DOUTOR.—Com dinheiro tudo se arranja... A eleição ha de ser difficil... ha cerca de dous mil candidatos.

SOARES. — Para um cargo gratuito ?

DOUTOR. — E' para ver. Vamos guerrear o inimigo, acompanhar-lhe os passos, pedir que não votem n'elle... comprar até os votos de quem quizer vendel-os...

SOARES. — Pois ainda se compram votos ?

DOUTOR.—Muito mais caros, mas compram-se... Estão pela hora da morte... a falta de genero no mercado faz subir o preço...

SOARES.—Diabo ! É eu que não tenho dinheiro !

DOUTOR.—Venha commigo, que talvez arranje um meio de alcançar victoria.

SOARES.—Onde ?

DOUTOR.—Ao Reino das Finanças, onde vou apresentar o meu projecto.

SOARES.—Partamos ! E que Deus nos proteja ! Ui ! malditas botas !

DOUTOR (sahindo).—Mudal-as-ha em caminho. Vamos !

SOARES (idem).—Vamos ! (Forte na orchestra—Mutaçãõ.)

QUADRO II

O REINO DAS FINANÇAS. PALACIO. VESTIGIOS DE OPULENCIA ANTIGA. RUINAS

SCENA PRIMEIRA

O DOUTOR SA BICHÃO, SOARES, depois O VINTEM, depois AS FINANÇAS.

SOARES. — Oh, senhor ! pois é este o reino das Finanças :

DOUTOR.—A qui qui meneres.

SOARES.—Que miseria ! nem ao menos um criado para annunciar-nos !

DOUTOR. — Quando as finanças estavam em bom pé, o que não quer dizer que não estejam em boa mão, não lhe faltavam todas essas com nodidades. O tempora ! ó mores ! Hoje anda tudo esbodegado. (Hei-de ainda explicar a ori-

gem d'esta palavra)...Este palacio
cae em ruinas. Hic Troja fuit.

SOARES.— Oh! ahi vem, final-
mente, alguem.

DOUTOR.—E' um moleque.

VINTEM (que tem entrado).—
Moleque não, heim? Veja lá como
me trata! Eu tenho nome: cha-
mo-me o Vintem.

SOARES.—Oh! o Vintem!

VINTEM.— Que desejam os se-
nhores? Podem dizer, porque eu
exerço no palacio as funcções de
pagem. Devia ser o Dez Réis, que
vale menos do que eu. Mas o ma-
landro musca-se e só apparece
por milagre!

DOUTOR.—Que tagarella!

VINTEM.—E' o mesmo que di-
zem Suas Magestades e toda a
côrte; mas não têm remedio se-
não aturar-me: ninguem me
manda embora.

SOARES.—Então porque?

VINTEM.—Porque ficariam sem
vintem. Mas vamos, vamos! basta
de dar á lingua. Que desejam?

DOUTOR.—Desejamos...Qual! o
homem é capaz de não nos re-
ceber!

SOARES.—Ora, ha de receber...

DOUTOR.—Não recebe com cer-
teza.

SOARES.—Aposto que recebe!

DOUTOR.—Vamos fazer uma ex-

perencia. Cruz ou cunho? (Agarra no Vintem).

SOARES.—Cruz !

DOUTOR (atirando ao chão o Vintem, que cahe de bruços). — Cunho ! Perdeu... Mas, emfim, experimentemos. Quem não se arrisca... (O Vintem levanta-se).

VINTEM.—Quando os senhores quizerem fazer apostas, é bom prevenir...

DOUTOR. — Desejamos fallar a el-rei. Vá dizer-lhe que está aqui alguém que lhe vem fazer uma proposta.

VINTEM.—E' já. (Vae sahindo e volta). Olhem ! Ahí vêm as Finanças ! Voltam do passeio matinal que dão todos os dias a conselho dos medicos. Vejam em que estado se acham, coitadinhas ! Duvido que tenham cura. (Sae).

SOARES.—Este diabo falla pelas tripas de Judas !

DOUTOR. — E corre que é um gosto ! Pede presto !

SOARES.—Pudera ! O Vintem...

DOUTOR.—Ora vamos ver as Finanças.

(Entram as Finanças, umas coxas, outras manetas. Estas arimadas em muletas, aquellas em bastões. Vestuarios pobres. Rostos cadavericos.)

CÔRO DAS FINANÇAS.

(*Valsa « Dolores ».*)

Oh ! que sorte !
Que afflicção !
Vem, ó m' mãe,
Vem já, vem já, por c'mpaixão !

A tão negra desventura,
Preferimos sepultura !
Pois quem vive sem saúde
Pede logo a Deus que o mude !

DOUTOR.

Tranquiliſem se,
O' meusas,
Porque finas
Vão ficar
Sem demorar !

SOARES.

Muito lepidas,
Rochuchudas,
Bochebudas
O doutor
Vae todas pôr !

AS FINANÇAS.

Nossa alma se expande,
Doutor,
Diante de um tão grande
Favor !
Oh, que sorte ! etc.

1.^a FINANÇA. — Quem sois, pre-
claros forasteiros, e que desejaes
n'este reino, que não tem, certa-
mente, o aspecto que contaveis
achar ?

DOUTOR. — Bravo ! Que estylo apurado !

SOARES.—E'. Sempre ouvi dizer que as Finanças andam muito apuradas.

DOUTOR.—Desejamos fallar a el-rei: já lhe mandámos o Vintem.

2ª FINANÇA. — E o Vintem ahi volta.

VINTEM (entrando). — Suas magestades vêm ahi. Retirem-se, meus senhores !

SOARES.— Como retirem-se ?

VINTEM.—Só poderão ser postos em presença d'el-rei por uma commissão expressamente nomeada por elle. E' da etiqueta.

DOUTOR.— Ah ! é da etiqueta ? Tolitur questio.

1ª FINANÇA.—R e c o l h a m - s e áquella sala.

VINTEM.—Lá encontrarão, para distrahil-os com dous dedos de palestra, algumas notas egualmente recolhidas.

SOARES.—Comtanto que tenham boa estampa. (Indo a entrar.) Chi ! que velhas bruxas ! E dizer que já valeram alguma coisa !

DOUTOR.—Coragem ! Alea jacta est ! (Saem.)

SCENA II

AS FINANÇAS, O CONTO DE RÉIS A APOLICE,
O VINTEM, O PATACÃO, NOTAS E MOEDAS
DE TODOS OS VALORES, precedidas por
UMA guarda de honra de NICKES DE
DUZENTOS RÉIS (homens) e de NICKES
DE CEM RÉIS (crianças), depois DR. SÁ
BICHÃO e SOARES.

MARCHA E CÔRO

E' dobrar a bella espinha
E as cabeças é curvar !
Tanto o rei como a rainha
N'esta sala vão entrar.

COPLAS

CONTO DE RÉIS.

I

O grande rei cá está que no seu throno outr'ora
Coberto já se vio de grandes europeis,
E é, com franqueza o diz, infelizmente agora
A sombra e nada mais d'el-rei Conto de Réis.

Hoje em dia,
Todavia,
Faz ainda o seu filé !
Se lhe tocam,
Se o provocam,
Corre tudo a pontapé !

CÔRO

Hoje em dia, etc.

CONTO DE RÉIS

II

A Apolice a meu lado andava satisfeita,
Do throno partilhando as doces commoções,
Mas essa bella vida ha muito está desfeita,
E el-rei Conto de Réis vegeta aos trambolhões !

Hoje em dia, etc.

CONTO.— Cessem as cantarolas, com seiscentos mil réis ! Não me lembrava de que estou desesperado da vida !

APOLICE.— Que estamos ambos muito mortificados ! Que humilhação ! que degradação !...

CONTO.— Apolice, conta as tuas magoas á côrte.

APOLICE.— Sabei, senhores, os meus juros, aquelles bellos juros, que eram o meu encanto, o meu orgulho, a affirmação mais positiva de meu alto prestígio, acabam de ser convertidos de seis a cinco por cento !

TODOS.— Oh !

CONTO.— De nada valeram os protestos da imprensa e dos particulares.

APOLICE.— Sobre tudo dos particulares.

VINTEM.— E da imprensa tambem... porque—parece incrível ! —ha jornalistas que têm apolices !

APOLICE.— Já se te tem dito que não mettas o nariz onde não és chamado.

CONTO (explosindo).— Ah !

TODOS (recuando).— Ah !

CONTO.— Não é tudo ainda !

TODOS.— Oh !

CONTO.— A conversão não passa de uma conversa. Ha coisa mais grave !

TODOS.— Oh !

CONTO.—Vamos ser obrigados—pela dignidade do nosso nome e em nome de nossa dignidade—a mandar setenta mil homens para o paiz onde floresce o roastbeef!

Todos.—Oh!

CONTO (comsigo).—Tambem esta gente não sabe dizer senão Ah! ou Oh! (Alto.) A diplomacia interveio, e, quando a diplomacia intervem, adeus viola! Não ha remedio senão curvar a cabeça e obedecer. Setenta mil contos! Goddam!—Mas ora adeus! o passado passado! (Em tom de commando) Caras... alegres

Todos (rindo) —Ah! ah! ah!

CONTO.—E repetição do ultimo côro com um movimento de dança! (Repete-se o côro e dança-se.)
Basta

VINTEM (approximando-se). — Senhor... os estrangeiros...

CONTO.—Ah! é verdade... Já os havia esquecido. Nomeiemos a commissão que deve recebê-los. —Quanto ha de ser? (A Vintem.) E' gente de certa categoria?

VINTEM.—Parece.

CONTO.—Cincoenta mil réis!

A NOTA DE CINCOENTA (approximando-se)—Presente!

CONTO.—Vinte mil réis!

A NOTA DE VINTE (idem). — Cá estou.

CONTO.—Cinco mil réis!

A NOTA DE CINCO (idem).—Prompto!

CONTO.—A pratinha de dous mil réis!

A PRATINHA DE DOUS MIL REIS (idem).—Eis-me aqui!

CONTO.—Nicoláo!

NICOLAO.—A's tuas ordens!

CONTO.—Bom: cincoenta e vinte são setenta, e cinco, setenta e cinco, e dous setenta e sete: setenta e sete mil e duzentos: basta. Não haverá razão de queixa.

APOLICE.—Manda-lhes uma somma redonda. Que diabo! são dous estrangeiros que vêm cá pela primeira vez.

CONTO.—Tens razão (Gritando) Venham d'ahi mais dous mil e oitocentos! (Obedecem com certa confusão.) Oitenta mil réis: prompto! — Vão receber os estrangeiros que se acham n'aquella sala. (A commissão retira-se.)

O PATACÃO (ao Conto).—Se me désses licença para ir p'ro meu sacco deitar-me... Doem-me tanto as pernas...

CONTO.—Não, senhor: em occasiões de recepção não admitto que ninguem esteja ausente. (Indo ao encontro do Doutor e de Soares, que entram, acompanhados pela commissão.) Entrem, meus senhores... O Conto de Réis recebe-os com muito prazer...

SOARES (muito amavel). — Com muito mais prazer receberíamos nós o Conto de Réis.

DOCTOR. — Quando quizer experimentar...

CONTO. — Quem és tu ?

DOCTOR. — O Dr. Sá Bichão.

CONTO. — Que és tu no rol das coisas ?

DOCTOR. — Sou tudo.

CONTO. — Tudo ?! Homem, vê se fazes isso por menos. Eu, que sou eu, não sou tudo ; entretanto, dizem que o dinheiro é tudo.

DOCTOR. — Sou medico, litterato, latinista, polyglota, astronomico, industrial, espirita e financeiro.

CONTO. — Só ? N'esse caso, ainda te falta alguma coisa para seres tudo. — E tu ?

SOARES. — Eu não sou nada.

CONTO. — Agrada-me mais esta resposta.

SOARES. — E' a expressão da verdade. Chamo-me Soares e sou carioca.

APOLICE. — Da gemma ?

SOARES. — Da gemma. Nasci no largo da Mãe do Bispo.

CONTO. — Muito bem. Digam agora o que pretend... Não!... Antes disso, apresentação geral. (A' côrte.) Meus filhos, colloquem-se em linha, ao fundo ! (Obedeçam.) Já sabem que eu sou El-Rei Conto de Réis (Inclinam-se)

e que esta senhora é a Exma. Sra. D. Apolice da Divida Publica, minha muito amada consorte. (Idem.) Bem. Agora, os outros... (Ao regente da orchestra.) Un peu de musique, s'il vous plait ! (Musica. Os personagens passam á proporção que são apresentados, e demoram-se ou seguem, conforme a lettra.)

Eis Dez Mil Réis !

SOARES.

Isto já é dinheiro !

CONTO.

Bom companheiro, sim senhor ; porém, Quando empregado accaso é n'uma pul?, Faz com que pule o jogador !

DOUTOR.

Faz bem.

CONTO.

Vinte Mil Réis ! Trinta Mil Réis ! Cincoenta ! Este sustenta que é fidalgo !

DOUTOR.

Olá !

CONTO.

Por ser o quanto generoso Estado
Ao deputado diariamente dá.
—Curvem-se agora, que aqui vem Cem Bodes:

SOARES, baixo.

Vê se me acodes, conselheiro !

CONTO.

E aqui

Duzentos, heim ?

SOARES.

Isto é dinheiro !

DOUTOR.

Grosso !

SOARES, aos Duzentos.

Viver não posso, meu amor, sem ti.

CONTO.

Cinco Mil Réis, um grande vagabundo
Que a todo mundo escandalisa já.
Todas as noites—singular topete !—
Na rua Sete de Setembro está !
Este velhote, que já es á caduco,
Já foi maluco, trefego, pimpão.
Hoje, coitado ! move mal os passos...
Cae aos pedaços... Pobre Patacão !

O PATAÇÃO.

Como te enganas ! Inda corro ! Corro
Como um cachorro quando se lhe dá.
Quem o duvide que informar-se mande
No Rio Grande o que inda sou por lá.

CONTO.

Esta senhora, lepida e janota,
E' a bella nota de quinbentos réis.
Em toda a parte a encontrarão contente,
Principalmente á meza dos hoteis.
Egual valor tem esta prata. Aquella
Inda é mais bella : vale dez tostões.
Esta outra vale dous mil réis ; partista,
Que só é vista nas occasiões.

A PRATA DE DOUS MIL RÉIS.

Um padrinho que queira de repente
Dar um presente ao afilhado emfim,
A quem recorre quando a quebradeira
Toda a algibeira lhe invadio ? A mim !

CONTO.

Repara agora... Ahi o tens contigo...
Meu nobre amigo senhor Nicoláo.
De Botafogo a grande campanha
Diz todo o dia que o não acha máo.

NICOLÁO.

E não me larga !

DOUTOR e SOARES.

Não ?

NICOLÁO.

Nem mesmo a páo !

CONTO.

Eis a pratinha de tostão vadia :
Anda arredia... ningnem mais a vê...
— Você merece-me uma giribanda !
Por onde é que anda— diga lá !— você ?
Este é o Vintem, que a gente pobre gasta...
Nem mesmo basta p'ra comprar um pão,
Mas, apesar de ser um João Minhoca,
Quasi provoca uma revolução.

O VINTEM.

Houve nas ruas muito bofetão !

CONTO.

Este é o pataco, todo empanturrado,
Que devorado ter parece um boi ;
Poz chapéo alto, bengalão, luneta,
Quando a *Gazeta* publicada foi.
De Tres Vintens ó lucida pratinha,
Que bonitinha e melindrosa vens !
— Já tem causado multiplos reparos
Serem tão raros estes tres vintens.

SOARES.—Mas ainda faltam outros valores.

CONTO.—Faltam a nota de qui-

nhentos mil réis e a moedinha de dez réis.

DOUTOR.—Os extremos tocam-se.

CONTO.—Ninguem lhes põe a vista em cima. Mas vamos lá, digam, que pretendem?

DOUTOR.—Como já te disse, sou medico; julgo ter descoberto um remedio para a cura radical d'aquellas pobres senhoras. (A ponte para as Finanças.) Vou propor-t'o.

CONTO.—Fazer o que?

DOUTOR.—Como fazer o que?

CONTO.—Que vaes fazer no Porto?

DOUTOR.—Que Porto?

CONTO.—Pois não disseste: «Vou pr'o Porto»?

DOUTOR.—Um calembourg! Proh pudor!

APOLICE.—Interessas-te muito pelas Finanças?

DOUTOR.—Das Finanças do Estado, ou antes, do estado das Finanças...

SOABES.—Tambem o senhor!

DOUTOR.—... depende a prosperidade da patria. (A Apolice) Senhora, com toda a franqueza te direi que és tu a principal causadora d'aquella ruina.

APOLICE.—Insolente!

CONTO.—Deixa-o, mulher. A franqueza deve agradar aos soberanos. Demais, por fallar «em so-

beranos», deixemo-nos de ridiculas fanfarronadas... Isto cheira a convento franciscano, e nós reiamos...

DOUTOR.—In nomine.

Conto.—In nomine, diz muito bem; acceito e agradeço o seu latim.

Doutor.—Não ha de que. Em precisando de mais, é só pedir por bocca. Ha por cá d'essa fazenda in magna quantitate.

Conto. — Quod abundat non nocet.

Doutor.—Bravo! bravo! tambem sabe largar a sua piada! bravo!

Conto.—Todos sabem que aqui quem reina é mistress Esterlina, essa especie de Nuncio, sem cujo placet nada posso fazer. Dize-nos, dize-nos a linguagem da verdade!

Doutor.—E' sabido — vox populi! — que as Finanças vivem a trabalhar como umas negras para que esta senhora se arrebi-que á vontade, tenha lindos vestidos da ultima moda, ande de carro, vá aos theatros e aos bailes, e, sobretudo, não trabalhe. Se não fosse o respeito devido a uma rainha, mais do que a uma rainha, a uma senhora, eu te diria que és uma d'essas plantas que se enroscam nas outras plantas, e...

Apolice.—Parasita ! Elle chamou-me Parasita !

Conto.—Deixal-o chamar, com cem milhões de dollars !

Doutor.—Eu não disse o nome. (Ao Conto). Confia-me o tratamento d'aquellas miseras raparigas, e verás como as Finanças ficam finas. (Baixo). Mas é preciso que tua mulher não as esfalte.

Conto.—Que diabo ! ainda agora acabaram de converter-lhe os juro...

DOUTOR.— O meu receituário é infallível, mas eu só t'ó mostrarei na certeza de que será immediatamente acceto.— O estado em que se acha o teu reino tem um reflexo fatal sobre a sociedade brasileira ; esta, como todas as outras sociedades, não póde passar sem dinheiro, sem muito dinheiro. A vida torna-se cada vez mais penosa ; o azedume e o desanimo apossam-se de todos os espiritos ; a descrença de todos os corações. Delenda Carthago ! As instituições resentem-se d'esse mal estar. Os individuos não se divertem ; poucos se atordôam. O brasileiro torna-se cada vez mais melancólico.

SOARES. — O brasileiro, talvez, não o carioca, o verdadeiro, o genuíno carioca, o carioca da gem-

ma! Bem sei que o typo é hoje raro, e a invasão estrangeira tem lhe feito a pouco e pouco perder a sua physionomia primitiva. Mas que importa? Eu serei talvez o ultimo abencerragem: mas ainda prefiro a modinha de outr'ora á romança italiana de hoje.

TODOS (protestando).— Oh! oh!

SOARES.—Ah! protestam!...

CONTO.— Pois naturalmente! quem não prefere o

Vorrei morrer nella estagion dei fiore
ao

Por entre as trevas da noite?

SOARES (irritado).— Ai! máo! ai! máo! Façam favor de ouvir uma modinha brasileira do tempo do Onça. Se não gostarem, cortem-me a cabeça!

TODOS.—Vá lá! vá lá!...

SOARES.—Ha por ahi um violão?

TODOS.—Ah! ah! ah!...

SOARES.—Eu peço um violão e dão-me uma flautá?! Mas não faz mal... cá tenho a bengala!... Attenção!

TODOS.—Attenção!...

(Soares canta uma modinha brasileira antiga)

CONTO.—Mas, afinal de contas, a que proposito vem aqui a modinha, quando se trata da saude das Finanças?

SOARES.—Pela modinha avalia-se o resto. O brasileiro perdeu a sua physionomia. A sociedade fluminense já se não diverte.

CONTO.—Pois bem! vou tomar uma grande resolução.

DOUTOR (vivamente). — Aceitar os meus serviços? Adsum!

CONTO.—Não... isso depende do resultado do que vou fazer.

APOLICE.—Mas, afinal, que vaes fazer?

CONTO.—Enviar á terra um emissario, que me dê conta do estado do espirito da sociedade fluminense.

TODOS (adiantando-se). — Eu! eu!

CONTO.—Tá! tá! tá! tá! Nenhum de vocês é capaz de tão delicada missão... Demais, são muito conhecidos Para esse fim crearei uma nova moeda.

TODOS —Uma nova moeda?

CONTO.—Sim... e agora mesmo, Vão quatrocentos réis buscar a caixinha dos tres desejos (Saem dous Nikeis) Vão ver como se faz uma moeda! Mas agora me lembro . de que valor será?

DOUTOR—Eu proporia que fosse de meio tostão, para facilitar os trocos.

CONTO—Bem lembrado. (Voltam os Nickeis com uma caixa de ouro que collocam no centro da scena).

Vae nascer a Moedinha de Cincoenta Réis ! Os senhores podem ver... Não tenho nada nas mãos. Meus filhos, a invocação do estylo, feita ao diabo, que dizem ser o inventor do dinheiro.

CÔRO

(*Musica de Offenbach.*)

O' grande Satan, diabo antigo,
Ouve bem nossa petição.
Do Inferno manda, ó velho amigo,
Metade apenas de um tostão.

(No fim do côro, abre-se a caixa e surge a Moedinha de Cincoenta Réis.)

SCENA III

OS MESMOS, MOEDINHA.

MOEDINHA

COPLA

(*Musica de Audran.*)

Eis-me aqui estou, aqui me têm !
Sou devéras interessante !
Creio que nunca vio ninguem
Moedinha mais saltitante !
Sou mais bella do que o tostão,
Mais mimosa do que o pataco...
Todos por mim vão dar cavaco...
Passando irei de mão em mão.

Toca a festejar,
Comprimentar
A bella moedinha,
Que hoje aqui surgio,

Que hoje sabio
De dentro da caixinha !

CÔRO.

Toca a festejar, etc.

MOEDINHA.

Com que prazer
Eu vou correr !
Eu vou gyrrar
Sem descancar !

CÔRO.

Sim, vae gyrrar
Sem d'scançar !...

(No fim das coplas, a Moedinha vae sahindo a correr.)

CONTO—Vem cá ! vem cá ! Segurem-n'a ! (Seguram-n'a todos.)
Queres correr immediatamente !
Deixa estar que tens muito tempo para entrar em circulação.

MOEDINHA—Que ordenas ?

CONTO — Quero confiar-te uma incumbencia.

MOEDINHA—Qual ?

CONTO — Acompanhar estes senhores ao Rio de Janeiro.

DOUTOR—Est modus in rebus.

SOARES—Sim.

CONTO—Demora-te lá um anno e traze-me, no fim d'esse prazo, um relatorio.

SOARES—Sempre a mesma historia : commissão e relatorio. E' a mania de todos os governos.

DOUTOR—Ad ostentationem!

CONTO — Perdão ; um relatorio

verbal... a narração dos acontecimentos mais importantes do anno. Por elles poderei avaliar do espirito da população fluminense.

MOEDINHA — Estou prompta a seguir-os.

CONTO.—Concedo-te o dom maravilhoso de te poderes transportar de uma para outra parte, e a quantos quizes, apenas com o auxilio d'este talisman. (Dá-lhe uma varinha de nickel.)

MOEDINHA.—Uma varinha de nickel!

CONTO.—Basta agital-a no ar e não precisas pagar passagens.

SOARES.—Oh! que mulher preciosa! Já não a largo! Que economia Vamos!

CONTO — Adeus! D'aqui a um anno espero ver-te de volta. Repetição do côro para esta sahida!

REPETIÇÃO DO CÔRO.

(O Dr. Soares e a Moedinha saem)

SCENA IV

CONTO, APOLICE, NOTAS E MOEDAS,
DEPOIS O DEZ REIS

CONTO (comsigo). — Verdade, verdade, não sei o que tem o espirito da população fluminense

com as pobres Finanças Eu poderia ter dado ouvidos ao tal doutor, mas quem sabe se elle não é como outros muitos, que se propõem cural-as, e, em vez d'isso, aggravam-lhes o mal. Nada! Vou empregando os meus remedios caseiros. (Musica na orchestra, Todos estremecem subitamente). Hein?! Vocês não sentiram um estremeção? Que é isto? . Acho-me mais leve. Tenho vontade de rir, de cantar, de dansar! (Dansa.)

APOLICE — E eu! e eu! Estou mesmo uma sylphide! (Dansa).

TODOS—E nós! e nós! (Dansam)

CONTO—Que será isto?

DEZ REIS (entrando esbaforido).
—Alviçaras! alviçaras!

TODOS—O Dez Réis!

CONTO (dansando sempre).—O' mariola! por onde tens andado?

DEZ REIS — Trago uma grande noticia.

TODOS— Qual?

DEZ REIS—Annunciam-se dous emprestimos: um externo, outro interno. Muitos mil contos de réis!

TODOS—Dous emprestimos!

CONTO— Graças! Vão curar-se as Finanças! (Mutação.)

QUADRO III

O MESMO PALACIO, PORÉM NOVO E ESPLENDIDO.—OURO EM ABUNDANCIA. AS FINANÇAS TRANSFORMAM SE, APPARECENDO RESPLENDECENTES DE OURO E PEDRARIAS. CESSAM AS DANÇAS.

CONTO — O' prodigio ! Vejam !
Vejam ! Uma chuva do ouro !
Todos (estacando assombrados.)
—Oh ! (Contiuúa a chuva de ouro até cair o panno.)

ACTO I

A «MAISON MODERNE», A' NOITE.

SCENA PRIMEIRA.

Freguezes, Caixeiros, o Gerente do estabelecimento, que durante o quadro passa á vontade.

CÔRO DE FREGUEZES.

(*Musica de Abdon Milanez*)

Em momentos de prazer,
Toca a beber!
E depois, p'r'encavacar,
Toca a pagar!

PRIMEIRO FREGUEZ—Então, Mello, que dizes da peça nova?

MELLO — O libretto nem por isso... Mas a musica é lindissima! O tal Abdon Milanez tem muito talento!

PRIMEIRO FREGUEZ—E tão pequeno! Imagina se fosse grande!

SEGUNDO FREGUEZ — Fallam da «Donzella Theodora? Que diabo! ainda agora acabou o 1º acto! Vamos ver o resto!

TAVARES (entrando)— O' Mello, estimo muito encontrar-te. Já hontem te procurei no escriptorio e não te achei.

MELLO—Queres tomar alguma coisa?

TAVARES — Vá lá ! Sentemo-nos aqui. Podemos conversar a gosto. (Sentam-se.) Que ha de ser ?

MELLO — O Desiré tem ahi um punch, que é sempre o mesmo, e muda de nome sempre que apparece peça nova, no Sant'Anna. Vamos ao punch «Mulher-Homem.» (A um caixeiro.) Eh ! faz favor ? Traz-nos um punch «Mulher-Homem» ? — Mas vamos a saber : que desejas de mim ?

TAVARES — Já deste o teu voto ?

MELLO — Para veneravel lá da loja ?

TAVARES — Não ! não se trata de maçonaria. Para vereador.

MELLO — O' filho, falta ainda tanto tempo ! (O punch é servido.) Como nesta casa serve-se depressa, heim ?

TAVARES — E' que eu sou candidato e quero segurar-me.

MELLO — Tu, candidato ! Não sabia que davas para politica ! (Saboreando o punch.) Magnifico !

TAVARES — Ainda bem que é de teu gosto !

MELLO — Tanto assim que vou pedir outro.

TAVARES — Outro só, não : outros.. Cinco .. dez .. quantos te fôr possivel !

MELLO — Dez punches ?

TAVARES — Votos.

MELLO — Ora ! eu fallava do

punch— Pscio! ó moço? traga mais punches!

TAVARES — Mas, afinal, que respondes?

MELLO— Eu te digo: se o meu senhorio não fôr candidato... Tu sabes... A gente deve sempre andar bem com o senhorio... porque... sim .. porque...

TAVARES—Sim, sei. . (Trazem mais punches.)

MELLO — Que presteza, hein? (Toma o punch.)

TAVARES—Mas vamos... o teu senhorio...

MELLO— Se o meu senhorio não fôr candidato... Homem, este ainda está melhor que o outro! Hei de aqui vir todas as noites!

TAVARES—Mas vamos! se o teu senhorio não fôr candidato, votas em mim? (Toque de campanha.)

MELLO—Oh! diabo! vae começar o 2º acto! não quero perder uma nota! Estou doido por saber o que o sultão Miramolim vae fazer da donzellaTheodora! (Bebe o resto apressado e levanta-se.) Ficas? Paga isto! (Sahindo e voltando da porta.) O'Tavares: agora me lembro: eu não estou qualificado! (Desapparece. Os freguezes tem-se levantado e sahido ao ouvir o toque de campanha.)

TAVARES, só—Tenho encontrado uns poucos assim... E ainda em

cima hei de pagar a despeza !
(Tirando dinheiro,) Que rombo na
verba «Eventuaes» (Quando está
a pagar, entra Mlle. X.)

SCENA II

TAVARES e MLLE. X

MLLE. X (sotaque francez) — O'
TAVARES . tu es tás endinheirado
Vem pagar a ceia ..

TAVARES—O' minha velha, só se
for chá com torradas !

MLLE. X — Chá com torradas !
Quem pensas tu que eu sou? Desde
que vim para o Rio de Janeiro, foi
coisa que nunca me entrou na
bocca ! Vem. . vamos para um
gabinete. (Toma-o por um braço.)

TAVARES — Dize-me : ainda és
muito amiga do commendador
Mattoso ?

MLLE. X—Muito.

TAVARES—N'esse caso, pago-te a
ceia.. mas has de me arranjar o
voto do commendador .

MLLE. X—Queres ser vereador ?

TAVARES—Quero.

MLLE. X—Vereador! Oh ! comme
je t'aime ! Allons souper ! ..

TAVARES (sahindo com ella,
áparte) — Decididamente, a ve-
reança é o melhor caminho para
o coração das mulheres. (Saem,
sendo vistos por Soares, que entra
com Nickelina e o Dr. Sabichão)

SCENA III

SOARES, DR. SA' BICHÃO, NICKELINA.

SOARES—Ah! não estar aqui a tia Chiquinha! Sempre queria que visse com quem alli vae publicamente o seu ai Jesus! Uma franceza! Ainda se fosse fazenda nacional.

DOUTOR—Lé com lé, cré com cré.

SOARES — Olha, Moedinha, é aquelle o pretenso noivo de minha namorada

NICKELINA—O tal que quer ser vereador?

SOARES—Justamente. Só tu me pódés salvar

NICKELINA—Ah! se eu fosse uma moeda de mais valor, poderias considerar-te salvo; mas, emfim, havemos de dar-lhe as tintas

DOUTOR — Não desespere, meu amigo; quem espera sempre alcança

SOARES—Tres votos consegui eu já tirar-lhe

NICKELINA—E não fizeste pouco, porque, segundo me disseste, com alguns mais..

SOARES — Oh, Moedinha de minh'alma! com um pequeno esforço havemos de vencer!..

DOUTOR—Moedinha não é nome que se dê a ninguem; procuremos um nome para a menina. Qual ha de ser?

SOARES—Qualquer... Argentina,
por exemplo !

NICKELINA—Não gosto .. faz lem-
brar a republica .

SOARES — Candoca .. Miloca ..
Dodoca ..

DOUTOR—Isso tem muita oca, e
ella não é amarellinha

SOARES—Ah! achei ! Belisaria ! .

DOUTOR—Não é máo, mas tenho
coisa melhor: Nickelina. Vou ex-
plicar a origem d'esta palavra

SOARES—Não é preciso explicar:
vem de nickel.

DOUTOR—Você é esperto

NICKELINA — Agrada-me muito
Nickelina

TERCETTINO.

(Musica [de José Simões Junior])

OS TRES.

Nickelina !

Nickelina !...

NICKELINA.

Qualquer pessoa ladina
Que saiba a lingua latina
C'o a origem logo atina
Da palavra Nickelina,
Pois de nickel se origina,
Como de neve neblina,
De Celeste Celestina,
De brilhante brilhantina.

SOARES.

Nickelina...

Faz-me lembrar uma chalaça:
Siá Nickelina, com você não quero graça!

OS TRES.

Siá Nickelina, com você não quero graça!

SCENA IV

OS MESMOS, DR. MAXIMO.

MAXIMO—Sentiram ?

TODOS—O que ?

MAXIMO—Pois não sentiram ?

TODOS—Mas. . . o que ?

MAXIMO—O terremoto !

SOARES—Terremoto ! Pois houve terremoto ?

MAXIMO — Sim, senhor. Apesar do Observatorio informar que não sentio alli o menor movimento, nem mesmo oscillação na luneta meridiana, affirmo que houve ; porque no meu gabinete de trabalho, que fica perto do Castello, senti uma diminuição sensivel na pendula.

SOARES—Devéras ?

DOUTOR—Mirabile dictu !

NICKELINA—Cacete !

MAXIMO — Além d'isso, houve uma baixa no thermometro, uma oscillação nas correntes fluidas do sol, e uma ventania rija. Impressionei-me com estes phenomenos, que muitas vezes são percursos de vulcões e terremotos, Napoles estremeceu quinze dias antes do vulcão do Vesuvio, que sepultou Pompeia. Para que possam comprehender, vou estabelecer um simile... Plinio estava em Como...

SOARES—Como ?

MAXIMO—Como como ? Como ..
Imaginem que Como é como a
Armação. Plinio ..

DOCTOR—Mas qual : o moço ou o
velho ?

MAXIMO—Um d'elles. Plinio vio
um pennacho de fumo e fogo so-
bre Pompeia, que é como o alto
da Tijuca Que fez Plinio ?

DOCTOR—Não sei

SOARES—Nem eu

NICKELINA—Nem eu

MAXIMO—Sei eu. — Approximou-
se na sua galera até Castellamare,
que é como Botafogo, para ex-
aminar a erupção magestosa .. e
morreu suffocado

NICKELINA—Coitado !

DOCTOR—Parce sepultis

MAXIMO—Mas isto foi ha muito
tempo

DOCTOR—In illo tempore

MAXIMO—Hoje a chimica dyna-
mica teria evitado o vulcão de
Pompeia e o terremoto de Lisboa.
Infelizmente naquelle tempo não
havia observatorios ..

DOCTOR—Mas agora que os te-
mos ..

MAXIMO—E' sua obrigação pre-
venir os volcões e terremotos E
o nosso que se acautele, porque,
se as correntes teluricas conver-
girem para o morro de Santo An-
tonio, teremos um terremoto ; se,

porém, convergirem para o Bico do Papagaio, na Tijuca, havemos de ter um magnifico vulcão! — Mas, mudando de assumpto, não viram por aqui o Fagundes .. o deputado ?

TAVARES—Aqui não esteve ninguém

MAXIMO—Preciso urgentemente fallar-lhe. E' elle quem vae apresentar á Camara o requerimento em que eu peço um premio de mil contos pela descoberta de um medicamento prophylatico contra a febre amarella, e a minha nomeação de enviado extraordinario junto a todas as nações da Europa!

NICKELINA—Todas ?

MAXIMO—Vou ver se o encontro n'outra sala (Sahindo) Ora o Observatorio! (Sae)

SCENA V

SOARES, DR. SABICHÃO, NICKELINA, depois
a INSPECTORIA DE HYCIE NE.

SOARES—Será uma calamidade se o requerimento d'este homem fôr deferido.

NICKELINA—Porque ?

SOARES—Porque ficaremos privados d'elle.

DOCTOR—E' uma grande cabeça. Hei de procural-o para commu-
nicar-lhe a idéa do meu sol arti-

ficial. (Outro tom.) Mas tomamos ou não tomamos alguma coisa? Que diabo viemos nós fazer aqui?

SOARES—E' verdade. (Sentam-se os tres.—A um caixeiro.) Olá traga-nos cerveja nacional!

DOCTOR—Nacional? « Abrenun-
tio!» Traga-me uma cajuada!

NICKELINA—Outra para mim.

SOARES—Apoiado! Isso ainda é mais brasileiro! Cajuada para tres. (São servidos. Entra a Inspectoria de Hygiene, examina todas as garrafas e copos, e vem afinal, á mesa em que se acham sentados os tres personagens. Tira-lhes os copos das mãos, prova e examina o conteúdo.)

INSPECTORIA—Que é isto? Com licença!... Ah! cajuada... Podem continuar...Cuidado com o gêlo... Não abusem!...

NICKELINA— Quem é esta intrometida?

DOCTOR—E' a Junta de Hygiene.

INSPECTORIA — Perdão, a Junta, minha irman mais velha, morreu... Eu sou a Inspectoria de Hygiene!

OS TRES — Ah! (Levantam-se. Durante o canto, Soares paga a despeza.)

INSPECTORIA.

COPLAS.

(*Musica de Audran.*)

Não, meu caro doutor,
Nãõ, senhor !
Eu cá não sou a Junta,
Que ha muito está defunta...
Ouça o que dizer vou
E saberá quem sou.

I

Sou de Hygiene a Inspectoria
Que á Junta vem substituir,
O povo inteiro em mim confia,
E o meu dever hei de cumprir.

II

Algumas pessimas bebidas
Faço tenção de condemnar ;
Naturalmente, enraivecidas,
Vão mil garrafas estourar !
Nãõ, meu caro doutor, etc.

SOARES — De que morreu a
Junta ?

INSPECTORIA — Afogada em vinho
artificial — Ih ! que de gente
ahi vem ! — Adeus ! Vou ver
quem tem garrafas vasiaas para
vender !

SOARES — Vasiaas, não : cheias.
(A Inspectoria sae).

DOUTOR — Vamos nós tambem.
Desempatemos o becco !

SOARES e NICKELINA — Vamos !
(Saem todos.)

SCENA VI

CAIXEIROS, MELLO, 1º E 2º FREGUEZ, FREGURZES DE AMBOS OS SEXOS

MELLO—Que bonito acto !...

1º FREGUEZ—Que bella musica !..

2º FREGUEZ—Que bello tango !

MELLO—Oh ! o tango ! o tango !..
Que tango, meu Deus !... que tango !...

Todos (com um suspiro)—Ai !..

CORO

T A N G O

(Musica de Abdon Milanez)

Oh ! que musica bonita !

Que feliz inspiração !

Não ha tango mais catita !

Faz pulsar o coração !

Bis ! Bis ! Bis !

Quem o ouve logo diz !

Bis ! Bis ! Bis !

Cresce do Heller o nariz !...

II

O velho torna criança,

Dá vigor a quem não tem

A todos excita á dansa...

Como é bom ! como faz bem !

Bis ! Bis ! Bis ! etc.

(No fim do canto, toque de campainha electrica)

Todos—O 3º acto ! . o 3º acto ! .
(Saem em confusão)

SCENA VIII

UM CAIXEIRO, só, depois TAVARES E
e MLE. X

O CAIXEIRO—O patrão dá um cavacão solemne com estes intervallos curtos: eu não!

TAVARES (entrando ligeiramente embriagado e acompanhado por Mlle X)—Seis mil e quinhentos! safa! Que rombo nos «Eventuaes»!

MLE. X. (tomando-lhe o braço)
—Dis-moi, vamos dar um passeio a carro?

TAVARES—Tu arranjas-me o voto do commendador?

MLE. X—Já te disse que sim!

TAVARES—Então, allons nous embore... (Aparte.) Cara eleição!

MLE. X.—Vereador! oh! comme je t'aimerais, mon petit cheri (Saem)

O CAIXEIRO (só) --- Pobre rapariga! está livre de uma penhora! (Sae. Mutação)

QUADRO V

RUA DO OUVIDOR

SCENA PRIMEIRA

PASSEANTES, VENDEDORES DE JORNAES, BALAS, ETC., depois D CHIQUINHA, MINDOCA, depois TAVARES, depois O SENHORIO.

CÔRO

(Musica de L. Gregh)

Aqui na rua do Ouvidor

O tempo vae rapidamente,
Distrae-se e folga toda a gente.
Ninguem se lembra até que faz calor !
De cá p'ra lá,
De lá p'ra cá
Passeando alegremente o povo está
A palestrar,
A conversar,
A tesourar,
A diffamar.
Quem amor á peille tenha
Cá não venha.

O VENDEDOR DE JORNAES — «Gazeta da Tarde» ! . 40 réis ! . trazendo o programma das corridas !

O VENDEDOR DE BALAS — Bala de ovo, althéa, cajú, coco á bahiana, abacachy, lima e rosa ! Freguez, quer que embrulhe cem ou duzentos ?

VENDEDOR DE PHOSPHOROS — Duas caixas de phosphoros por cem réis !

OUTRO — Olha os phosphoros de luz electrica !

D. CHIQUINHA (entrando com Mindoca). — Vamos, Mindoca ; já é tarde e ainda temos muitas voltas que dar.

MINDOCA — Mindoca ! toujours Mindoca ! Ainda se me chamasse Mendocá !

D. CHIQUINHA — Quero saber onde diabo se metteu o diabo d'aquella mulata !

VENDEDOR DE JORNAES — «Gazeta da Tarde» !

D. CHIQUINHA— «Gazeta da Tarde» !.. Sabe Deus se ella não foi para lá !

MINDOCA—Ora ! para que ?

D. CHIQUINHA — Pois não sabes que elles andaram outro dia em procissão com as escravas de uma pobre senhora, coitadinha ! que ficou com as mãos em misero estado de tanto dar pancada ? Até tiraram o retrato com ellas !

MINDOCA—Oh ! mon Dieu ! Quel ennui !— Lá vem o tal seu Tavares.

TAVARES (entrando).—Oh ! Sra. D. Chiquinha ! D. Arminda ! Como têm passado ? . Que feliz encontro !

D. CHIQUINHA — Vamos passando assim, assim, muito obrigada. Seja muito bem apparecido — Como está a Maricota ? . E a Téca ? . A D. Josephina já ficou boa de todo ?

TAVARES — Estão todas boas.— Não mandaram recommendações porque não sabiam que eu as encontrava

D. CHIQUINHA — Qualquer dia d'estes hei de ir visital-as Já se mudaram ?

TAVARES—Não, senhora ; já não nos mudamos para Santa Thereza.

D. CHIQUINHA — Porque ? a casa não servio ?

TAVARES---Servir, servia, mas o patife do senhorio teve a petulancia de exigir fiador. A senhora comprehende . . . um homem na minha posição. . .

D. CHIQUINHA--- Na realidade . . . Um candidato a vereador ! A proposito, como vamos de candidatura ?

TAVARES---Perfeitamente . . . perfeitamente. . .

D. CHIQUINHA (rindo-se e apontando para Mindoca)---Olhe que o dito, dito !

TAVARES---Como sou feliz !

MINDOCA (com máo modo, aparte)---Imbecil !

O SENHORIO (que, ao atravessar a scena, reparou em Tavares)--- Oh ! Sr. Tavares, dá-me uma palavra ?

TAVARES (aparte)—Oh ! diabo ! o senhorio ! (Alto) Dão licença ?

D. CHIQUINHA — Pois não ! Nós vamos, que ainda temos que ir á «Gazeta da Tarde».

TAVARES—Fazer o que ? Tomar uma assignatura ?

D. CHIQUINHA—Não ; que idéa ! Vou ver se me dão noticias da Genoveva, que fugio. Até logo, seu Tavares. Apareça.

TAVARES — Minhas senhoras ! (Saem as senhoras, porém Mindoca nem sequer olha para elle.)

TAVARES (comsigo)—A pequena

parece que não morre de amores por mim. Ora ! que tem isso ? (Outro tom) Bom ! agora este cadaver ! (Alto, ao senhorio) Estou ás suas ordens.

O SENHORIO (de pernas abertas, ventre empinado e mãos nas cadeiras)—Oh ! seu Tavares, ha seis mezes que você não me dá um vintem de aluguel de casa !

TAVARES — Falle mais baixo, pelo amor de Deus !

SENHORIO—Já não lhe peço que me pague... isso é difficil...Peço-lhe que se mude, o que é mais facil.

TAVARES—Veja que estamos na rua do Ouvidor !

SENHORIO—Ha muito quem queira e... que pague.

TAVARES—Ouça cá, Sr. Magalhães... eu estou com um negocio de olho... um negocio com a Camara Municipal...

SENHORIO—Hum!... negocio com a Camara ! Você... Olhe o Lambert ! ..

TAVARES—Não, o meu negocio é pela certa. Sou candidato.

SENHORIO— A vereador ? (Gesto affirmativo) O senhor ? . (Idem) Não se mude, meu amigo ! ..

TAVARES—Posso contar com o seu voto ?

SENHORIO—Não, que eu sou portuguez. Mas tenho amigos elei-

tores... meu genro, por exemplo... e vou trabalhar por V. S. A casa é sua. (Baixo) Ha seis mezes que tenho uma proposta na Camara. Puzeram-lhe uma pedra em cima...

TAVARES—Pois o meu primeiro acto será remover essa pedra. Quer vir tomar alguma coisa ao Paschoal ?

SENHORIO—Onde V. Ex. quizer, mas sou eu quem convida.

TAVARES (aparte) — Acaba por me dar magestade! (Tomando-lhe o braço) Não vê, Sr. Magalhães, que eu... (Saem, não se ouvindo o resto.)

SCENA II

SOARES, DR. SABICHÃO, NICKELINA,

entram a espirrar e mostram-se constipados durante todo o quadro.

DOUTOR—Atchim !

SOARES—Vi... vi... va... Atchim !. . .

NICKELINA—Do... do .. minus... Atchim !...

OS TRES—Atchim!... Vi.. va!...

DOUTOR—Quem nos mandou ir ao tal Lazareto ?

SOARES—Que noite ! Andei em camisa, com a cama de vento ás costas de um lado para outro.

DOUTOR—Eu vi-me em papos de

aranha. Horresco referens! . .
que casa!

NICKELINA — Então, pelo que vejo, todas as obras d'este paiz racham?

DOUTOR—E' do clima, talvez

SOARES—Mas ao menos é obra nacional. Antes isso do que ir procurar architectos na estranja. Com um pequeno concerto a coisa fica boa!

NICKELINA— Com que, é esta a famosa rua do Ouvidor?

DOUTOR—Antiga de Aleixo Manoel.

SOARES—Esta é ainda a rua da moda, enquanto não se aprrompta a do Senhor dos Passos. Outro estrangeirismo! Uma rua com galerias! Uma especie da rua do Rivoli, de Pariz! Ora isto! Ora isto!

NICKELINA—Deve ser uma coisa esplendida.

SOARES—Duvido!

NICKELINA—Ainda hei de vel-mudar de opinião com o seu bairrismo. (Vendo passar Chuchú)
—Mas o que é aquillo?

SCENA III

Os mesmos, CHUCHU'

DOUTOR—Realmente, não sei o que possa ser.

SOARES — Vamos sabel-o. Olá!
ó meu charo senhor!

CHUCHU' (voltando-se)—Pum !

DOUTOR—Pum ?

NICKELINA—Pum ?

SOARES—Pum !!

CHUCHU'---Pum ! pum ! pum !

DOUTOR (aparte)---E' uma salva de artilheria ! Miseret me tui.

SOARES---Perdão, senhor ; mas, para satis'azer a curiosidade aqui d'esta senhora, quizera pedir-lhe que nos explicasse...

CHUCHU'---Pum ! Quem eu sou ? Pum ! Sou o Chuchú !

OS TRES---O Chuchú ?

CHUCHU'---O homem a quem está reservada uma grande gloria ! Um brasileiro que ha de honrar o seu paiz.

SOARES (interessado)---Um brasileiro ! E' commigo !

CHUCHU'---Pum !

OS TRES---Pum !

CHUCHU'

C O P L A

(Musica de Abdon Milanez)

A carabina tão valente
Não ha valente que resista,
Com pulso firme e boa vista
Deita-se fóra de combate um batalhão.
Se n'um minuto tão somente
Fazem-se trinta pontarias,
N'uma semana, ou sete dias,
Trezentas mil e quatrocentas se farão.
Vou requerer uma patente;
Hei de matar a toda a gente,

E até de inveja, ousou afirmar,
Vae o Krupp estourar !
Pum ! Pum !

O canhão Krupp ha de estourar !

TODOS—Pum ! (Chuchú sae.)

DOUTOR— Ha de ir longe este
Chuchú.

SOARES—Se o Governo não lhe
disser : chô ! chô !

NICKELINA—O que será caso de
fazer : chi ! chi !

DOUTOR—Vocês são uns Lopes
Cardosos incorregiveis ! Se eu
fosse governo, não hesitaria em
proteger o inventor da carabina:
si vis pacem, para bellum.

SCENA V

OS MESMOS, UM PREVIDENTE.

(O previdente entra carregado
com malas, botas, cama de vento
e varios objectos ; esbarra em
Soares.)

SOARES—Pedaço de bruto ! Está
cégo ?

PREVIDENTE — Desculpe , meu
charo senhor, mas a pressa com
que sou obrigado a mudar-me...

NICKELINA — Porque ? Está-lhe
cahindo a casa ?

PREVIDENTE—Peior do que isso,
e admira-me vel-os aqui tão so-
cegados. Não sabem que o mun-
do vae acabar ?

NICKELINA—Acabar ? pois acredita em tal caraminhola ?

PREVIDENTE—O sabio Nostradamus foi que o disse ha muito tempo. Se a gente não acreditar nas prophcias dos sabios, em quem ha de acreditar ? Além d'isso o «Diario de Noticias» já publicou o programma do cataclysmo.

DOUTOR — Mas uma vez que o mundo se acaba, para onde se muda o senhor ?

NICKELINA— Para o outro mundo ?

SOARES--- Para o Mundo Novo ?

PREVIDENTE—Para a Praia Grande. E' possivel que a coisa não chegue até lá...e, quando chegue, ha de levar seu tempo, pois o desastre, diz o programma, começará pelas grandes capitaes. Pelo sim, pelo não, já fiz testamento.

OS TRES—Testamento ?

PREVIDENTE—Sim ; ha morrer e viver ; caso o mundo se acabe, não quero que minha familia fique desamparada.

DOUTOR—Olhe, meu amigo, você póde dizer como Bias...

PREVIDENTE—Que Dias ?

DOUTOR—Dias, não; Bias, o philosopho... Omnia mecum porto.

SOARES—Socegue, porque, se o mundo se acabar, o senhor vae para o céo direitinho.

DOUTOR — Diz bem : beati pauperes spiritu.

PREVIDENTE—Com sua licença ; vou apanhar a barca. (Sae.)

SCENA VI

OS MESMOS, depois BOLESLÁO, OLGA, JANOS,
CIGANOS

SOARES. — Como este ha muitos !
—Ah! lá vêm os ciganos que estão acampados em S. Christovam.

DOUTOR.—Já sei ; a familia Vovoide.

NICKELINA.—Vovoide ?

DOUTOR.— Quer que lhe diga a origem d'esta palavra ?

TERCETTO E CORO

(Musica de Offenbach).

BOLESLAO e OLGA

De terra em terra vagabundeando,
Vimos das bandas da formosa Hungria,
Comendo apenas lá de quando em quando,
Dormindo expostos a noitada fria.
Mas o viver errante não nos deixa
Pezar nenhum do coração no fundo,
Sem murmurar a sombra de uma queixa,
Vamos alegres percorrendo o mundo.

BOLESLAO.

Todos nós somos bons caldeiros.

JANOS.

Barateiros.

OLGA.

E trazemos um bom sentimento.

JANOS.

De espavento.

BOLESLAO.

Caldeirões, cangirões e chaleiras.

JANOS.

Cafeteiras.

OLGA.

E marmitas com grandes argolas.

JANOS.

Caçarolas.

BOLESLAO e OLGA.

Porém saiba a nossa freguezia

Não se fia.

Não vimos do fundo da Hungria

Para fiar.

E' comprar

E pagar.

JANOS

E' comprar

E pagar.

BOLESLAO e OLGA.

De terra em terra vagabundeando, etc.

CÔRO

Lá, lá, lá, lá, lá, lá.

OLGA.—Meus senhores, quem compra bellas argolas para cadeados, ricos ganchos de metal para pendurar toalhas ?...

BOLESLAO. — Caçarolas de cobre... tachos... cangirões...

OLGA.—Tachinhas de cabeça amarella... e outras cousinhas mais... Quem compra? Quem compra?

BOLESLAO.—Vamos para adiante; aqui não fazemos negocio.

OLGA.—Pois vamos (A sahir). Quem compra ricas argolas para cadeado, bellos ganchos de metal para pendurar toalhas ?

DOCTOR.—Pois, senhores, a tal familia Vovoide é bem curiosa.

SOARES.—E falla bem o portuguez.

VOZES (fóra).—Viva o Dr. José Maria! Viva!.. Viva o illustre democrata! Viva!

NICKELINA.—Que gritaria é esta?

SOARES.—Negocios da politica... resultado da apuração, ou antes, da depuração do Dr. José Maria, que se tem visto em apuros.

DOCTOR.—E' bom que nos afastemos um pouco... Ha certa exaltação politica nestas occasiões... (Gesto de quem dá uma navalhada). Cautela e caldo de gallinha...

NICKELINA e SOARES.—Tem razão. (Afastam-se).

SCENA VII

OS MESMOS, DR. JOSÉ MARIA, UM ENTHUSIASTA, POVO

JOSÉ MARIA.—Esbulhado!... esbulhado do meu direito! Vou fazer um meeting! o meu terceiro meeting! Cidadãos! estaes convidados para esta noite, no Polytheama!

UM ENTHUSIASTA.—Muito bem!

JOSÉ MARIA.—Agora peço-vos que

me deixeis tranquillo. Vou tomar o bond, que são horas de jantar.

SOARES.—O doutor tem muitos com quem se console...

DOCTOR.—Sim, porque mal de muitos consolo é.

SOARES.—Houve este anno uma verdadeira degolação dos innocentes. (José Maria aperta-lhes a mão e sae, felicitado por pessoas do povo).

NICKELINA.—E o gato!... onde está o gato?

DOCTOR.—Que gato?

NICKELINA.—Ouvi dizer que o outro dia, na Camara, um gato irreverente miou durante uma sessão inteira.

UM ENTHUSIASTA (a Soares).—Oh! Soares, quanto assignas para a chapa de ouro?

SOARES.—Que chapa?

UM ENTHUSIASTA.—Ora que chapa. A chapa que vamos offerecer ao José Maria.

SOARES.—Isso parece um epigramma... Offerecer uma chapa a um tribuno!

NICKELINA (ao Doutor).—E' uma asneira.

DOCTOR.—Chapada.

SOARES.—Pódes contar com a minha assignatura.

UM ENTHUSIASTA.—Fica certo que guardaremos segredo... sei que és empregado publico... não de-

ves comprometter-te. (Vae dirigi-se a outras pessoas e sae).

SCENA VIII

OS MESMOS, GENERAL REDONDO, que logo sae, DEPOIS UM SUGEITO

REDONDO (chegando como uma bomba).—Uff!

VOZES DO POVO.—Oh! que figura!... Que typo!... Quem será?

REDONDO.—Pois não me conhecem? Sou o general Redondo!...

TODOS.—O Redondo!

LUNDU'

(Musica popular)

REDONDO.

Mens senhores e senhoras
O Redondo aqui está.
Cheguei hoje ás nove horas

CÔRO.

O Redondo cá está!

REDONDO.

Perseguido, precavido,
Combalido, foragido,
Vim fugido
Para cá.

CÔRO.

O Redondo cá está.

SOARES.

Seja bem apparecido.

CÔRO.

O Redondo cá está.

DOCTOR.

Entre nós está garantido

CÔRO.

O Redondo cá está.

SOARES.

Vendo o caso muito escuro,
Poz a pelle no seguro :
A lembrança não foi má.

CÔRO.

O Redondo cá está.

NICKELINA.

Chama-se isto achar um furo

CÔRO.

O Redondo cá está.

DOUTOR.

Morreu de velho o Seguro...

CÔRO.

O Redondo cá está.

NICKELINA.

Quiz metter-se em barafunda,
Mas por isso enorme tunda
Por um triz apanhou lá.

CÔRO.

O Redondo cá está.

SOARES.

Que politica iracunda !

CÔRO.

O Redondo cá está.

DOUTOR.

Que terrinha furibunda !

CÔRO.

O Redondo cá está.

DOUTOR.

Deu em nada a tal borrasca:
Pintus mortus est in casca...
Cá e lá más fadas ha...

CÔRO.

O Redondo cá está.

DOUTOR, SOARES, NICKELINA E REDONDO

Meus senhores e senhoras,
O Redondo aqui está...
Chegou hoje ás nove horas !

CÔRO.

O Redondo cá está.

REDONDO.—Bem ! Hotel dos Es-
trangeiros ! Sempre ás ordens !
(Sae).

NICKELINA.—Que é aquillo ?

SOARES.—Um clarão !

DOUTOR.—Não ha que ver !... E'
um incendio ! Scintilla contempta
excitavit incendium.

NICKELINA.—E muito perto !

TODOS.—E' sim, é bem perto !...
Vamos ver !

UM SUGEITO (que chega).—O in-
cendio é nos Fenianos.

VOZES —Nos Fenianos ! Vamos
ver !... Ora ! pobres Fenianos !
Corramos ! (Sahida geral).

SCENA IX

D. CHIQUINHA, MINDOCCA, depois TAVARES.

D. CHIQUINHA.—Nem novas nem
mandados !... Onde diabo se met-
teria o diabo da mulata ?

MINDOCCA. — Allons nous en, je
suis fatiguée !

TAVARES (entrando, levemente
embriagado).—Meu senhorio pa-

gou-me dous grogs e quatro cocktails. Não ha como a Camara Municipal ! A' vista d'este resultado, vou rodar e pedir o voto ao meu taverneiro... (Sae).

MUTAÇÃO

QUADRO VI

A PRAÇA DE TOUROS NA RUA DO MARQUEZ
DE ABRANTES

A scena representa o espaço reservado ás ascensões areostaticas do capitão Martine!ti.— O balão, meio cheio, occupa o centro.—Alguns homens estão occupados no serviço de enchimento.

SCENA PRIMEIRA

POVO, EMPREGADOS, depois O DR SÁ,
SOARES, NICKELINA.

CÔRO.

(Musica de Offenbach.)

Eis a postos toda a gente,
Vae subir o tal balão ;
Vamos ver se finalmente
Subir póde o capitão.

(Entram Soares, Doutor e Nickelina.)

SOARES —Cá estamos na praça de touros.

DOUTOR.—Queira Deus que desta vez não haja fiasco. Cá por mim desconfio que o capitão não passa de um troca-tintas. Troca-tintas é uma palavra composta de troca e de tintas. Havia no tempo de Estacio de Sá um pintor...

SOARES.—Oh ! doutor, que ma-

nia ! Pois até aqui quer explicar a origem das palavras ?

NICKELINA.—Deixe isso para a gazetilha do «Jornal».

SOARES.—E para o livro que pretende publicar...

DOUTOR.—Que ha de ser um manancial precioso para o estudo da lingua portugueza...

DOUTOR.—Tenho, e por signal que fazem-me crescer agua na bocca. Hoje são as luminarias da Avenida da Liberdade que dizem ser um logar lindo.

SOARES.—Hontem foram as illuminações no Tejo. Queimaram-se nada menos do que cem barricas de alcatrão. Nunca pensei que em Lisboa houvesse tanto alcatrão.

DOUTOR.—Sempre a zombar !

NICKELINA.—Quem sabe se o telegramma é verdadeiro...Ouvi dizer que alguns foram arrançados aqui...

DOUTOR.—Seja como for, o que é certo é que ha de ser uma festa de arromba e a que, se eu podesse, não deixaria de assistir.

NICKELINA.—E' só querer. Esquece-se do poder que tenho, graças a esta varinha que me deu El-Rei Conto de Reis ?

SOARES.—E' exacto. Podes viajar com a rapidez do pensamento...

NICKELINA.—E sem pagar transporte, que é o melhor.

DOUTOR.—Então vamos! Nem vale a pena esperar pela subida do balão. (Vão para sahir).

SOARES.—Alto! Peço a palavra para uma explicação... Entendamo-nos. E a volta? E' preciso pagar a passagem?

NICKELINA.—Nada. Está claro que voltamos pelo mesmo processo.

SOARES.—E amanhã bem cedo. Não quero deixar de assignar o ponto na repartição.

NICKELINA.—Podíamos partir daqui mesmo, mas isto iria causar espanto a esta gente. E' melhor fecharmo-nos n'um quarto, com janella e zás! (Faz signal com a varinha).

DOUTOR.—Neste caso vamos!

SOARES e NICKELINA.—Vamos! (saem).

SCENA II

POVO, EMPREGADOS, depois CAPITÃO MARTINETTI e MLE. X, vestida de Mephistopheles.

CÔRO.

(*Musica de Genée*)

Eis o grande Martinetti,
Eis o grande capitão,
Que promette e repromette
Ir ás nuvens n'um balão
Que topete! que topete!
Que typão
Tão charlatão!

Martinetti, como vae ?
Não suba Martinetti
Porque quem sóbe cáe !

MARTINETTI.

Sou o famoso areonauta
Que pregou mais de uma flauta,
E que ás nuvens foi, pois não,
Sem auxilio de balão ;
Porém hoje estão tomadas
Providencias acertadas
Venus, Marte, Juno, Jupiter,
Hei de tocar c'oa mão.
Tenho gente ; desta feita
Vou fazer bella receita ;
Graças, graças ao balão,
Vou ganhar um dinheirão.

CÔRO.

Vá embora,
Capitão ;
Ao balão
Sem demora.
E Deus lhe permitta cá
Voltar, olá !

MARTINETTI.

Sem receio vou subir
Hão de todos applaudir.

CÔRO.

Sim, si desta vez subir,
Vamos todos applaudir

MARTINETTI.— Meus senhores, a
ascensão de hoje vae ter mais
um attractivo. Além do novo ba-
lão que vae substituir o Condor,
que com dôr do meu coração,
ardeu no ultimo domingo, esta

gentil senhorita presta-se a acompanhar-me ás alturas.

TODOS.—Bravo !

MLLE. X.—Bem sabes que bebo os ares por ti... é justo, pois, que vamos aos ares juntos.

MARTINETTI.—Eia ? á ascensão !

TODOS.—A' ascensão ! (Capitão circula a praça dando a mão a Mlle. X).

MARTINETTI. — Meus senhores, até já ! Nossa demora será curta. Chegando á altura do primeiro telhado tornamos a descer. Viva o povo brasileiro ! (Entra para a barquinha com Mlle. X.) Larga tudo !

MUTAÇÃO

QUADRO VII

NUVENS

SCENA UNICA

MARTINETTI, MLLE. X

(A orchestra toca a introducção do seguinte) :

DUETTO

(O balão do capitão vem da esquerda com elle e Mlle. X.; atravessa lentamente a scena e desaparece do outro lado).

(Musica de Audran)

MARTINETTI.

Mademoiselle em tal altura,
Sem receiar indiscrições,
Podemos ambos, que ventura !
Abrir os nossos corações.

Desde que a vi a vez primeira
Comer no Hotel Continental,
Pelos seus olhos, feiticeira,
Senti paixão descommunal.

MLLE. X.

Gostas de mim?

MARTINETTI.

Você duvida?

MLLE. X.

Não sei, não sei se deva crêr.

MARTINETTI.

E's o meu amor, minha vida
Eu hei de amar-te até morrer.

MLLE. X.

Devo crêr?

MARTINETTI.

Deves crêr.

MLLE. X.

Meu sómente has de ser?

MARTINETTI.

Teu sómente hei de ser.

MARTINETTI.

Meu doce amor, virás commigo
Sempre que as nuvens eu vier
Pois ao teu lado nem siquer
Tenho consciencia do perigo.
Que mulher!

AMBOS.

Oh! como é delicioso
Amar

Eu vou morrer de goso
Eu vou morrer no ar.

(*Some se o balão*).

MUTAÇÃO

QUADRO VIII

A AVENIDA DA LIBERDADE EM LISBOA, IL-
LUMINADA, POR OCCASIAO DAS FESTAS
DO CONSORCIO DO PRINCIPE D. CARLOS.

*(A musica do duetto prende se á d)
Hymno Portuguez).*

ACTO II

QUADRO IX

O HOSPITAL DA SANTA CASA DE MISERICORDIA

SCENA PRIMEIRA

Doentes de ambos os sexos—Visitantes
— Empregados do Hospital — depois
Soares, Nickelina.

CÔRO.

(*Musica de Gennée*)

Oh ! que falta de piedade !
Que maldade !
Quanta bulha ! quanta gente !
Não têm pena de um doente !
Justos céos ! que disparate
E' provavel que nos mate
Tal dislate !
A tresler tanto rumor
Vae nos pôr !
Oh ! que horror !

1º DOENTE — Vamos, meus amigos, saiamos d'aqui. Esta moda de visitar o Hospital com musica e foguetaria devia ser abolida.

2º DOENTE—Tem toda razão, seu Gaspar ; um pobre homem doente que ature nm dia inteiro semelhante amollação ! Felizmente a banda de musica já está cansada de tocar !...

1º DOENTE—Parece um espectáculo! Vou me metter na cama; cubro a cabeça e deixo-me ficar. —Não estou para ainda em cima levar vaias dos malcreados que nada respeitam.

2º DOENTE—Nem eu.

TODOS — Nem eu... nem eu!
(Saem, repetindo o côro.)

SOARES (entrando, a Nickelina). —Só o desejo de mostrar-te o Hospital me faria acompanhar-te.

NICKELINA—Pois tão aborrecido achas tudo isto?

SOARES—Acho que é um verdadeiro sacrilegio, meu charo Meio Tostão... Deixa-me chamar-te assim, já que, para me não comprometter, resolveste enfiar as masculinas calças. Tudo isto me revolta... Se eu fosse a administração da Santa Casa, que é na realidade uma casa santa, ha muito tempo não haveria visitação.—Os infelizes doentes passam tormentos n'este dia. O ruído, a musica, o perfume, os risos, a dynamite que estoira lá fóra, as perguntas d'este visitante, a impertinencia d'aquelle, os olhares d'aqueile outro, o sorriso maligno de uns, a compaixão de poucos, a indiferença de muitos, tudo isto constitue um verdadeiro supplicio para quem só precisa de resignação e socego.

NICKELINA— O facto é que não deixas de ter razão.

SOARES — Tanto é este o meu modo de pensar, que não quiz trazer minha tia e minha prima, que muito desejavam vir.

NICKELINA — Por fallar n'ella : como vae o outro com a eleição ?

SOARES—) maldito tem furado como um demonio. Não ha para estas coisas como ser caradura— «os durum», conforme diz o doutor N'este andar é eleito, e lá se vae a minha ultima esperanza.

NICKELINA — Pobre municipalidade !

SOARES— Ah ! mas elle que se livre de que o pilhe a geito. Olha, Meio Tostão, sou capaz de esganal-o !

NICKELINA — Socega. Ha de se lhe dar um geito. Vamos até lá acima ?

SOARES—Não ; vae tu. Esperar-te-ei aqui. Incommoda-me semelhante visita. Vae.

NICKELINA—Então até já. (Sae.)

SCENA II

VISITANTES, SOARES, GHUMBY-CAENA

XUMBY (chorando).— Ih ! ih ! ih !

SOARES— Que tem, meu amigo ? porque chora ?

XUMBY — Estou queimado !

SOARES --- Queimado ? Pois não parece... Queimado physica ou moralmente ?

XUMBY --- Physica e pecuniariamente. Peguei fogo.

SOARES --- Pegou fogo ? Essa agora ! mas então quem é o Sr ?

XUMBY --- Eu ? Ouça lá...

TANGO

(Musica de C. Cavalier)

Eu sou o Xumty Caena...

Xumby... Xumby...

E ja fama não pequena

Adiquiri.

Na sciencia do direito

Eu sou *doutô*,

Mas hoje curo do peito

Se faz *favô*.

Doentes *desenganados*

Posso *tratá*,

Que os p^oinho logo curados,

Si os não *matá*.

Agora as portas da morte

Me vejo aqui !

Como é triste a minha sorte !

Pobre Xumby !

SOARES --- Ah ! você é que é o Xumby Caena ?

XUMBY --- Um seu remedio ! Creio que d'esta não escapo. Vou para uma enfermaria de cirurgia.

SOARES --- Trate-se, meu charo, trate-se ; olhe, não vá ter a mesma sorte da herva homeriana.

XUMBY --- Aquillo era uma imposturia estrangeira... ao passo

que eu sou um medicamento nacional.

SOARES — Nacional ! Vá depressa, meu amigo... não perca tempo... trate-se ; póde ser que eu ainda venha a precisar dos seus serviços...

XUMBY—Quando quizer tomar-me, estou ás suas ordens... Verá que não tenho máo gosto... Sou uma droga bem tragavel... (Sae —Soares acompanha-o; ao voltar, encontra-se com D. Chiquinha, Mindoca e Tavares, que têm entrado.) Oh ! as senhoras aqui ?

SCENA III

OS MESMOS, D. CHIQUINHA, MINDOCA E
TAVARES

D. CHIQUINHA—Seu Tavares appareceu lá em casa e quiz trazer-nos por força.

SOARES—Ah ! foi o Sr. Tavares...

MINDOCA—Foi elle, sim, primo Soares ; eu bem não queria vir.

TAVARES—Oh ! meu charo amigo, que mal faz virem senhoras ao hospital ? Não se acha o Sr. tambem aqui ?

SOARES—Então eu sou senhora ?

TAVARES—Isto é uma festa como outra qualquer. E' boa !

SOARES— Não me dirijo ao Sr. (A Mindoca) Não desejava que viesse... vae incommodar-se sem necessidade.

MINDOCA—Que havia de fazer ?
Maman l'a voulu...

D. CHIQUINHA — Eu tinha resolvido não vir depois do que você me disse ; mas lembrei-me que podia encontrar aqui aquelle diabo d'aquella mulata, e vim. Ellas são umas assanhadas, que não perdem estes pagodes. Ah ! se eu lhe ponho os gadanhos ! Vamos, seu Tavares !

MINDOCA — Não é preciso incommodar-se, Sr. Tavares : nós vamos com o primo.

TAVARES — Justamente. Eu fico por aqui a ver se pesco algum voto com o anzol da minha sympathia.

SOARES (aparte)—Olha que não te cuspam no anzol.

TAVARES — A coisa vae ás mil maravilhas. Em Santa Rita, Campo Grande e Guaratiba ninguem póde com o Degas.

D. CHIQUINHA (a Soares) — Então vamos, Cazuzza.— Mindoca !

MINDOCA (amuada) — Toujours Mindoca ! Allons !

SOARES — Dispense-me, minha tia ; vá a senhora com a prima. Por alli... Preciso fallar com o Sr. Tavares.

MINDOCA — Viens, maman.

D. CHIQUINHA (sahindo com Mindoca, aparte) — Ah ! se eu apa-

nho aquelle diabo d'aquella mulata!

SCENA IV

SOARES, TAVARES, depois o DR. SA'
BICHÃO.

SOARES (aparte).—Eu disparo com este sujeito de uma vez!

TAVARES—Então deseja fallar-me? Quer talvez dar-me alguns votos?

SOARES—Ah! effectivamente o meu maior desejo é dar-lhe... mas não votos.

TAVARES—Ah!

SOARES—Cartas na mesa e jogo franco. Minha prima não póde supportal-o. Não quer ser sua mulher, não quer, entende?

TAVARES—Porque? Supportará a Exma. Sra. D. Arminda que seja impossivel entre as nossas familias uma agremiação moral?

SOARES—Não se trata agora de agremiação moral, mas de sua pessoa, que nem ella nem eu podemos tragar!

TAVARES—Ora você não sabe o que está dizendo!

SOARES—Não sabe o que está dizendo vá elle! Não seja insolente!

TAVARES—Diz isto porque está na Santa Casa, e eu quero ter a misericordia de poupal-o. Faz

como os moleques, que atiram pedradas, e fogem.

SOARES—Oh! grandicissimo !..

TAVARES—Grandicissimo o que ?

SOARES—O que quizer. Preencha o claro á vontade.

TAVARES—Grandicissimo é elle ! Não seja burro !

SOARES — Retire o burro, se não...

TAVARES—Não retiro !... (O Doutor entra e ouve).

SOARES—Ah ! você não retira o burro ?

DOUTOR — Então que é isto ? Onde está o burro que querem retirar ?

SOARES—Ah ! Doutor !... chega a proposito, faça favor ! (Leva-o de parte e falla-lhe baixo. O Doutor aperta-lhe a mão, depois de um gesto de assentimento).

TAVARES (comsigo). — Que conspiração será aquella ? Vão ver que é contra a minha eleição ! Aquelle sugueitinho conhece mais gente do que anexins, e póde fazer-me mal.

DOUTOR (baixo).—Então : vamos combinar as condições ?

SOARES (baixo). — Vamos. (Sahindo, a Tavares). Eu lhe direi quem é burro !

DOUTOR (a Tavares).—Espere-me aqui que já volto. Tenho que lhe propor um negocio.

SCENA V

TAVARES, depois SIR JOHN BANK.

TAVARES—Um negocio... Hum...
Aqui ha marosca... Emfim, o que
fôr soará.

SIR JOHN (entrando). — Estar
festa muito concorrida .. estar
muito gente... Mim póde encon-
tra pagador... Aoh, Tavares ! co-
mo tem passada ?

TAVARES — Oh, monsiú, como
vae ? Que anda fazendo por aqui ?

SIR JOHN. — Como sabe, mim
estar director de banca. Mim vem
procura pagador. Você não vio
annuncia que banca publica na
imprensa ?

TAVARES—Annuncio ? Não ! Que
annuncio ?

SIR JOHN — Especie de annun-
cia de negra fugida, promettendo
gratificac'ion a quem descobre
pagador ou dá signaes certas.

TAVARES—Oh' publicaram is o ?
E houve jornal que aceitasse si-
milhante annuncio ?

SIR JOHN — Porque nóo ? Nós
paga, imprensa publica.

TAVARES— Os senhores é que
podem. São os donos da terra.
Mas com certeza não foram todos
os jornaes ?

SIR JOHN— Oh, nóo... Algumas
não quiz pública... se faz de
manta de seda...

TAVARES— Fizeram muito bem: annuncios desta ordem não se devem publicar. (Aparte). Nada! quem sabe se algum dia não me cahirá o raio em casa!

SIR JOHN— Wery well! Mim vae procura pagador. All right! (Sae).

TAVARES — Olhe, monsiú, ouça cá... Ah! é verdade, não me lembra que é inglesmane... ia pedir-lhe o voto.

SCENA VI

TAVARES, O DR. SA' BICHÃO.

O DOUTOR (entrando, solemne).
—Sr. Tavares, fui encarregado, pelo meu amigo Soares, de tratar com V. S. um negocio da mais alta gravidade... mesmo porque de minimis non curat pretor.

TAVARES—Ah!

DOUTOR—O dito Sr. Soares, entendendo que quem de mel se faz as moscas o lambem, exige de V. S. a retirada do burro.

TAVARES—Do burro? que burro?

DOUTOR — De V. S... quero dizer: do burro que o Sr. Tavares atirou á cara do meu amigo Soares.

TAVARES—Ah! já sei... Não retiro coisa alguma, salvo se o seu amigo retirar primeiramente o grandicissimo que me arrumou.

DOUTOR—Distingo. Burro é um insulto que não póde ser comparado a esse superlativo de superlativo.

TAVARES—E se eu não retirar ?

DÓUTOR—O meu amigo Soares é o offendido. Caso V. S. não retire a expressão...

TAVARES—E não retiro mesmo !

DOUTOR — Elle, bem a contragosto, pois que se trata de um procedimento que não está nos nossos costumes nacionaes, julga-se obrigado a exigir de V. S. uma reparação pelas armas.

TAVARES (com um salto) — Um duello ! Está doido ?

DOUTOR — Doido é você ! Veja agora se quer tambem bater-se commigo !

TAVARES—Pois o Soares tem coragem para bater-se ?

DOUTOR—Ah ! elle é um atirador de primeira força. Por isso mesmo a arma ha de ser a pistola !

TAVARES — Quer assassinar-me então ?

DOUTOR—Não ! diz elle que quer lavar-se.

TAVARES—No meu sangue !

DOUTOR — Não creio que fique muito limpo.

TAVARES—E que mais ?

DOUTOR—Cem passos de distancia...

TAVARES — E' pouco, mas em-
fim seja... Logar ?

— DOUTOR—Ilha dos Melões .. Cada
adversario tomará o seu bond
maritimo, acompanhado pelos
competentes padrinhos e por um
medico, que o socorrerá no caso
de morte, o que é pouco prova-
vel...

TAVARES— Serve-me... Imponho
mais uma condição... e é que eu
não fique collocado com a frente
para o sol .

DOUTOR — Vá lá... mesmo por-
que pouco lhe aproveitará, pois
o offendido, desejando um duello
de morte, quer bater-se em man-
gas de camisa, de modo a offere-
cer ao adversario o alvo mais
alvo que fôr possivel.

TAVARES-- Isto é contra todas
as regras...mas como nos batere-
mos a cento e cincoenta passos...

DOUTOR— Cem !... não faça tra-
paça !

TAVARES — Cem, não; cento e
cincoenta.

DOUTOR— Está bom... ceda cada
qual vinte e cinco... sejam cento
e vinte e cinco passos ..

TAVARES — Pistolas novas .. não
quero armas já conhecidas do
meu adversario

DOUTOR — Não seja esta a du-
vida... vou compral-as na casa
da Cotia ou no Rei dos Magicos...

Agora o que é indispensavel é guardar o maior segredo... do contrario a policia entorna-nos o caldo, e com a policia não podemos, porque, como sabe, com teu amo não jogues as peras... Este rifão faz-me lembrar um caso... que...

TAVARES—E quando será o encontro ?

DOUTOR—Amanhan ás 2 horas... Pelo sim, pelo não, despeça-se da familia. Até amanhan... Æquo animo !

TAVARES—Até amanhan. (Aparte, sahindo). Diabo !... cento e vinte e cinco passos... Se eu pudesse arranjar duzentos! Os meus padrinhos tratarão d'este ponto.

SCENA VII

DR. SÁ, só ; depois o DR. CHAUVIN.

DOUTOR — Cumpri o meu dever... fui o amicus certus de que falla a artinha.

CHAUVIN (entrando e dirigindo-se ao Doutor sem conseguir dizer o que pretende). — Oh !.. que... que... que... que...

DOUTOR (aparte).—Máo !

CHAUVIN—O... o... o... o...

DOUTOR—Qual ! é melhor que o senhor falle por musica... assim não arranja nada !

CHAUVIN—Que... que...

COPLA

(Musica de G. Cavalier)

Eu tenho um pro... pro... pro .. pro...

Processo X P. T. O.

Que tem sido si... si... sido

Muito bem re... re... cebido

Para fazer com que o ga...

Ga... ga... go possa fa... fa...

Fa... falar... co... co... corrente

Co... co... cor... correntemente.

O pobre gago

Mais renitente

Faz um discurs... faz um discurso

Se cáe com o bago

E assiduamente

Fre... fre... fre... fre... quenta o meu curso.

DOUTOR — Bom ; já comprehendendo... o senhor tem um processo para fazer com que os gagos falem correntemente, e vae abrir um curso... Diga então : que quer que lhe faça ?

CHAUVIN — Que... que... que...

DOUTOR—Ora, quem é gago não conversa ! (Volta-lhe as costas. Chauvin mostra-se indignado. Quer articular algumas palavras, mas não o consegue).

SCENA VIII

OS MESMOS, SANT'ANNA.

SANT'ANNA — Ah !.. Doutor ... vio por ahi o... o... o Dr. chefe de policia ?... Disseram-me que... que... tinha vindo pa... para cá !

DOUTOR—Não... não vi...

SANT'ANNA — Pre... preciso
mui... to d'elle.

CHAUVIN — Um ga... ga... go!..
que... que... acha... que acha-
do!... (Vae abraçar Sant'Anna).

SANT'ANNA — Que é isto ?

DOUTOR — Aqui o senhor pensa
que você é gago e quer mettelo
no curso.

SANT'ANNA (repellindo Chau-
vin). — Estou ga... ga... go... mas
é de raiva !

CHAUVIN — E' que... que... que...
(Sae furioso).

DOUTOR — Mas que lhe aconte-
ceu ? Quid novi ?

SANT'ANNA — O commandante da
estação prendeu um homem e
não me a... apresentou o pre... o
preso. Dei ordem que o soltas-
sem... Fui desobedecido... Prendi
o commandante... o comman-
dante quiz trancafiar-me no xa...
no xadrez... Tinha por si a força...

DOUTOR — Moral ?

SANT'ANNA — Não, a publica !

DOUTOR — E dizem que lobo não
come lobo !

SANT'ANNA — Quero encontrar o
chefe e expor-lhe o facto.

DOUTOR — E' provavel que o
chefe os ponha a ambos oculos
ruorum.

SANT'ANNA — Não vê ! a mim ?..
Porque ?

DOUTOR — Porque se deixou prender...

SANT'ANNA — Ora... tam... tambem o Sr.!... (Saindo a gesticular). Ora bolas!

DOUTOR (só). — Stultorum numerus est infinitus!

SCENA IX

DOUTOR, COMMENDADOR MINERVINO, DEPOIS SCARES, NICKELINA.

COMMENDADOR — Oh! meu illustre mestre!... quanto estimo encontral-o.

DOUTOR — Oh! commendador!

COMMENDADOR — Sabe que estou na lista triplice? Assim o quiz o meu partido...

DOUTOR — Ah! estimo!... Então houve escrutinio previo?

COMMENDADOR — Houve sim. Todo o partido liberal reunido!.. Treze ou quatorze pessoas...

DOUTOR — Que! pois o partido só tem treze ou quatorze pessoas?

COMMENDADOR — Pouco mais, depois da mudança de situação... O Visconde presidio á reunião...

DOUTOR — Ah! o Visconde é agora o chefe?

COMMENDADOR — Todos nós somos chefes. Soldados é que não ha. Então posso contar com o seu voto?

DOUTOR—Pois não, com todo o gosto.

COMMENDADOR — Até mais ver. Obrigado. (Sae)

DOUTOR — São impagaveis os taes escrutinios previos.

SOARES (entrando.)—Então ?

NICKELINA (idem.) — O Soares contou-me tudo... Estão ajustadas as condições do duello ?

DOUTOR — Perfeitamente. Ilha dos Melões. Duas horas da tarde. Pistola. Cento e vinte e cinco passos. Bond maritimo.

SOARES — Não ponha mais na carta. Vamo-nos embora, que tenho que fazer o meu testamento.

DOUTOR e NICKELINA — Vamos ! (Entram D Chiquinha e Mindoca).

SCENA X

OS MESMOS, D. CHIQUINHA E MINDOCA.

D CHIQUINHA — Que é isto ? E' verdade o que me disse seu Tavares ? Vão bater-se em duello ?

MINDOCA—Um duello! Et pour moi ! , Comme je t'aime !

SOARES — O tratante foi dizer tudo ! Covarde ! E' verdade, é, minha tia, mas não diga nada a ninguem, senão eu mato aquelle diabo !

D. CHIQUINHA — Matal-o !... ai!... (Tem um ataque de nervos).

DOUTOR—Levemol-a d'aqui !
SOARES---Minha tia !
MINDOCA--- Maman ! (Carregam-
n'a para fóra).

CÔRO

Bonito ! bonito !
Houve um faniquito !
Que succedeu ?
Que aconteceu ?
Desmaiada está !
Meu Deus ! que terá
A pobre senhora ?
Que caso ! que horror
Que venha um doutor
Sem demora !

MUTAÇÃO

QUADRO X

O SALÃO DA IMPRENSA

SCENA PRIMEIRA

O Jornal do Commercio, a Gazeta de Noticias, o Paiz, o Diario de Noticias, a Gazeta da Tarde, o Rio de Janeiro, a Italia, o Diario do Brasil e o Diario Official.

CÔRO.

(Musica de C. Cavalier.)

Somos as varias
Folhas diarias
Que se publicam na capital;
Do sul ao norte
Poder mois forte
Não ha de certo que o do jornal.

GAZETA DE NOTICIAS.

Entre nós reina a amisade,
Toda a gente o póde crêr.

DIARIO DE NOTICIAS.

Maior solidariedade
Entre nós não póde haver.

JORNAL DO COMMERCIO.

Apenas de vez em quando
Brincamos—o vá passando.—

*(Dando um ponta pé na Gazeta de
Noticias).*

Vá passando.

GAZETA DE NOTICIAS (idem no Paiz).

Vá passando.

PAIZ (idem no Diario de Noticias).

Vá passando.

DIARIO DE NOTICIAS (idem na Gazeta da
Tarde.)

Vá passando.

GAZETA DA TARDE (no Rio de Janeiro).

Vá passando.

RIO DE JANEIRO (na Italia).

Vá passando.

ITALIA (no Diario do Brazil).

Vá passando.

DIARIO DO BRASIL (vae a dar no Diario
Official, que lhe agarra o pé).

DIARIO OFFICIAL

Alto lá!

Em mim não se dá.

(Repetição do côro.)

Somos as varias, etc., etc.

JORNAL DO COMMERCIO—Bom ; uma
vez que estamos todos aqui re-
unidos, uma idéa...

PAIZ—Uma idéa!... é extraordinario!... Qual?...

JORNAL DO COMMERCIO — Vamos fundar a Sociedade dos Jornalistas e Homens de Letras?

DIARIO DE NOTICIAS — Apoiado! Nomeiemos uma commissão para organizar os estatutos. Quem ha de ser?

DIARIO DO BRASIL—Se quizerem, posso fazer parte della.

GAZETA DA TARDE—Você não, que é muito estúpido.

DIARIO DE NOTICIAS — Veja como falla; não seja tola!

JORNAL DO COMMERCIO — Chama, antes que te chamem.

GAZETA DE NOTICIAS—Cale-se você também, que tem o miolo molle!

JORNAL DO COMMERCIO — Não se metta onde não é chamada. Você pensa que estamos na banca da jogatina?

ITALIA—Ma dunque, colleghi... perchè tanto rumore?... pace! pace! pace!

PAIZ—E' uma vergonha!... Não sei o que isto parece!... E' preciso que sejam todos muito idiotas para darem-se a tal desfructe!

GAZETA DE NOTICIAS — Idiota é elle!

PAIZ—E' ella, que tem macaquinhos no sotam! Impostora! Quer fazer crer ao publico que

tem uma tiragem maior do que a minha !

GAZETA DE NOTICIAS—Tenho, sim, senhor ; e, para prova, aqui está a sentença do Juiz da 2ª Vara Commercial, por onde se vê que tiro trinta mil exemplares. Se és capaz, apresenta-me uma sentença igual!

RIO DE JANEIRO— Ora com effeito ! deixem-se d'isso !

PAIZ—Eu sou a folha mais séria da America do Sul.

JORNAL DO COMMERCIO — Tire o cavallo da chuva, visinho. E então eu ?

GAZETA DA TARDE— Serio ?.. Você ?.. tem graça !

JORNAL DO COMMERCIO — Ora vá pentear monos, sua serigaita ! E todos vocês também que, afinal de contas, não passam de uns pedaços d'asnos ! (Protestam todos com grande algazarra, á vontade dos actores—Da disputa não se percebe palavra. A Italia e o Rio de Janeiro tentam debalde apaziguar os collegas—Póde haver mesmo de vez em quando um murro ou um pontapé. O Diario Official durante toda a disputa conserva-se immovel, como se nada se passasse, e o Diario do Brasil desaparece por um alçapão, de modo que os personagens, ex-

cepção feita do Diario Official, o não vejam).

JORNAL DO COMMERCIO — Sou sempre provocado !

GAZETA DE NOTICIAS — E eu !

DIARIO DE NOTICIAS — Tambem eu ! Estou no meu canto... porque bolem commigo ?

GAZETA DA TARDE — Façamos as pazes.

JORNAL DO COMMERCIO --- Valeu !

PAIZ — Apertemo-nos mutuamente as mãos.

ITALIA---Bravi !

RIO DE JANEIRO---Bonito !

GAZETA DE NOTICIAS---A tua mão, Jornal.

JORNAL DO COMMERCIO --- Aqui a tens. A tua mão, Paiz !

PAIZ---Eil-a. Diario, a tua mão !

DIARIO DE NOTICIAS — Com todo o gosto. Gazeta da Tarde ?

GAZETA DA TARDE — Muito bem ! Rio de Janeiro ?

RIO DE JANEIRO — Prompto ! Italia ?

ITALIA — Ecco ! (Ficam todos de mãos dadas, menos o Diario Official, que continúa no seu canto.

JORNAL DO COMMERCIO — Que bella coisa é a amizade ! (Reparando) Mas falta um !..

RIO DE JANEIRO — Falta o Diario do Brasil !.. Onde está elle ?

DIARIO OFFICIAL---Desappareceu.

JORNAL DO COMMERCIO --- E nin-

guem deu por isso. Vamos, abraçemo-nos! (Abraçam-se todos, formando um grupo.) Uma vez que estamos todos reconciliados, vamos fundar a Sociedade dos Jornalistas e Homens de Letras?

DIÁRIO DE NOTÍCIAS --- Apoiado. Nomeiemos uma comissão para organizar os estatutos.

Gazeta de Notícias --- Quem ha de ser?

Jornal do Commercio --- Você não, que é tola! (Repete-se o barulho. Fallam todos a um tempo. Italia e Rio de Janeiro sempre apaziguando.)

Diário Official—Silencio! vem gente!

Jornal do Commercio—Gente!.. abracemo-nos depressa! (Abraçam-se.) Como somos amigos!

SCENA II

OS MESMOS, MENOS O DIÁRIO DO BRASIL, e
mais o DR SÁ, SOARES e NICKELINA

Doutor (da porta) --- Bravo!.. Similia similibus! Assim é que eu gósto de ver a imprensa. Que doce fraternidade! Sancta beatitudo!

Soares— Que harmonia!

Nickel—Que confraternisação!

Jornal do Commercio (approximando-se) --- Que desejam os senhores?

Soares—Pouca coisa... Tive um duello.

Doutor — Duello que deu em droga... Parturient montes. Uma das balas matou uma vacca que pastava, e a outra ficou dentro da pistola.

Diario de Noticias—Bom! que temos nós com isto?

Nickel—O meu amigo...

Soares—Com licença, deixa-me fallar. Vendo que algumas pessoas mal intencionadas não tomaram a serio o duello ultimamente havido entre dous jornalistas, venho pedir a todos os senhores que não dêem noticia do meu encontro.

Doutor.— De mais a mais, o meu amigo é carioca da gemma e não quer introduzir no seu paiz mais este costume estrangeiro, que é una voce condemnado.

Jornal do Commercio.— Pela minha parte, conte que não publicarei o facto.

Todos (simultaneamente). — Nem eu.

GAZETA DE NOTICIAS — Ah! e eu que me esquecia!.. Adeus, collegas; tenho que tirar da alfandega um caixão negro que acabo de receber da America do Norte com escala por Pariz. (Sae).

JORNAL DO COMMERCIO— Já viram sirigaita mais pedante?

PAIZ — Ha de ser sempre ridicula.

RIO DE JANEIRO — Não é por querer fallar mal... mas sempre a conheci assim.

DIARIO DE NOTICIAS — Julga que tem o rei na barriga.

GAZETA DA TARDE — Quem não a conhecer que a compre.

DIARIO DA TARDE — A proposito, collega Jornal, o que quer dizer a Gazeta com aquelle problema: Deixa-me morder essa cruz?

JORNAL DO COMMERCIO — São cá coisas.

DIARIO DE NOTICIAS — Ah! Percebo!

JORNAL DO COMMERCIO — Amanhan nas «Varias» ha de ver uma bicha commigo!

ITALIA — Pace! pace! ripeto; pace, miei cari amici.

DIARIO DE NOTICIAS — Eu tambem me retiro. Vou apurar a votação.

JORNAL DO COMMERCIO — Que votação?

DIARIOS DE NOTICIAS — Tomando na mais alta consideração o meu sacerdocio de imprensa livre e independente, propuz ao suffragio universal a solução de um grave problema sociologico que me parece complexo e profundo!

TODOS — Oh! oh! de que se trata?

DIARIO DE NOTICIAS — Trata-se de saber qual das duas sociedades

carnavalescas primou este anno em luxo, espirito e bom gosto; se a dos Fenianos, se a dos Democraticos.

TODOS—Ah! ah!

DIARIO DE NOTICIAS — Os meus numerosos leitores vieram trazer-me os seus votos com uma promptidão e um patriotismo dignos realmente de tão elevado assumpto. Vou apural-os. Até logo. (Sae).

JORNAL DO COMMERCIO — Este tambem é uma boa firma, não ha duvida. Nasceu hontem e já quer ter fiducias.

GAZETA DA TARDE — Um adula-dor! está sempre a dar parabens a quem faz annos.

RIO DE JANEIRO — Não é por querer fallar mal, mas elle só dá parabens a quem tem certa importancia.

PAIZ—E' um bobo! Persuadido de que tem mais annuncios do que eu!

ITALIA—Mio Dio! Mio Dio! Sempre come cani e gatti!

JORNAL DO COMMERCIO— Ora deixe-me! metta-se lá com a sua vida!

ITALIA—Me ne vado nauseata... è una vergogna... un'indignità. (Sae).

SOARES (ao Doutor)— Vejamos o que dizem d'ella.

JORNAL DO COMMERCIO---Ora dá-se, que intromettida !

PAIZ --- Coitadinha ! não lhe demos importancia.

GAZETA DA TARDE---Sim, não vale a pena.

RIO DE JANEIRO---Não é por querer fallar mal, mas é tão insignificante !

NICKELINA (a Soares e ao Doutor)---Assim mesmo, póde-se dizer que foi poupada.

DOCTOR --- Faz-lhes pouca sombra.

GAZETA DA TARDE---Até logo ; vou providenciar para que fiquem promptas as minhas gravuras.

NICKELINA---Ah ! a Senhora é illustrada ?

GAZETA DA TARDE --- Pois não sabe ? E as minhas illustrações têm feito um successo colossal. Eis aqui uma d'ellas, reproduzida em ponto grande. (Desenrola um papel em que se vê um borrão preto).

TODOS—Bonito !

GAZETA DA TARDE — Até logo. (Sae.)

SOARES (ao Doutor)—E' agora !

DOCTOR—Video lupum !

JORNAL DO COMMERCIO — Aquillo é a nossa vergonha, collegas.

PAIZ—Diz bem; desmancha com os pés o que faz com as mãos.

RIO DE JANEIRO—Não é por que-

rer fallar mal, mas é uma grande typa.

PAIZ—Bom ; vou ver as provas do «Caminho do Mal»— (Ao Doutor.) Tem lido, Doutor ?

DOCTOR—Não.

SoARES—Nem eu.

NICKELINA—Nem eu.

JORNAL DO COMMERCIO—Nem eu.

RIO DE JANEIRO—Nem eu.

DIARIO OFFICIAL—Nem ninguem.

PAIZ—Oh ! senhores ! ninguem lê o «Caminho do Mal» ! Pois olhem que é a continuação dos «Lazaristas».

DOCTOR—Dia de muito, vespera de nada.

PAIZ—Embora, o successo é enorme. Vou ver as provas. (Sae.)

JORNAL DO COMMERCIO—Este é o maior parlapatão que tem vindo á luz desde que ha jornaes no Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO — Isso é ; não é por fallar mal, mas é. (Apertando a mão ao Jornal do Commercio.) Collega, eu retiro-me, mas veja lá como me trata.

JORNAL DO COMMERCIO — Não tenha receio ; vá. (Rio de Janeiro vae a sahir.) Este sujeito... (Vendo que Rio de Janeiro tem ficado á porta) Oh ! ainda ahi está ?

Rio de Janeiro—Veja lá, collega ! (Sae.)

JORNAL DO COMMERCIO — Este su-

jeito não é capaz de dar uma noticia que não seja atrazada. (Vendo o Diario Official.) Mas que diabo faz alli aquelle estafermo? Eh! olá! Você não tem que fazer? Em que pensa?

DIARIO OFFICIAL — Penso em transformar ainda uma vez o meu cabeçalho. E é o que vou fazer. (Sae.)

Jornal do Commercio (aos circumstantes, em tom de protecção) — Hum! o Diario Official! um pobre diabo! Não quer annuncios! Não diz mal de ninguem.

Soares—Mal nem bem.

Nickelina—E' o que lhe vale.

Jornal do Commercio—Sim, que se não fosse isso, era tão bom como os outros diarios que não são officiaes.

Soares—Perdão; são officiaes... do mesmo officio.

SCENA III

JORNAL DO COMMERCIO, DR SÁ, SOARES, NICKELINA, UM OFFICIAL DE JUSTIÇA, depois UM REPORTER.

Official de Justiça—A's ordens de VV. SS.

Jornal do Commercio—Livra! Que deseja?

Official de Justiça—Senhor, eu sou official de justiça.

Doutor—Ex digito gigans.

Soares— Está se vendo.

Jornal do Commercio — Que vem cá fazer? Alguma citação... litteraria?

Official de Justiça— Nada d'isso. Ando a ver se descubro uma sala para o julgamento de D. Chiquinha Calças Largas. Creio que afinal o Sr. presidente resolve-se a alugar por 3 dias o theatro de S. Pedro ou o Polytheama.

Soares— Então a sala do Jury?

Official de Justiça— A sala do Jury, se duvidam muito, vem abaixo.

Nickelina— E' tão velha assim?

Official de Justiça— Vem abaixo... justamente pelo contrario; por ser construcção moderna.

Soares — Começo a embirrar com a architectura nacional.

Doutor — Ha de acabar por se convencer de que só temos o Corpo de Bombeiros. (Ao Official de Justiça.) Aluguem o Conservatorio de Musica.

Nickelina— Armem um barracão no campo de S. Christovam.

OFFICIAL— Boa idéa! Vou communicar-a ao Sr. Presidente. A's ordens de VV. SS.

OS QUATRO— Viva! (Official sae e esbarra no Reporter, que vem entrando muito apressado com um papel na mão).

REPORTER— Cá está o resultado

das eleições municipaes. (Sae correndo).

SOARES—Das eleições ?

JORNAL DO COMMERCIO (vendo)—O mais votado não teve nenhuma votação !

OS TRES—E o Tavares ? e o Tavares ?

JORNAL DO COMMERCIO—Eleito.

OS TRES—Eleito !

SOARES—Está tudo perdido.

NICKEL'NA—Pobre Soares !

DOUTOR—Consummatum est.

SOARES (com desanimo)—Eleito!

JORNAL DO COMMERCIO—E eu que o conheci páo de laranja ! Um tratante, que fez o que fez em Casa Branca !

SOARES (vivamente) — Que fez elle ?

JORNAL DO COMMERCIO — Contos largos ! Peça informações ao tenente-coronel Regadas, fazendeiro em Casa Branca. Elle que lhe diga quem é o Tavares.

NICKELINA—Meu amigo, se podes arranjar alguns documentos contra esse homem, não percas a occasião.

DOUTOR—Apoiado. Quem seu inimigo poupa, ás maos lhe morre.

JORNAL DO COMMERCIO—Se quizerem... eu em poucos dias me acharei em Casa Branca... Tenho que acompanhar a excursão que

o illustre sabio Dr. Velocipede vae fazer á provincia de S. Paulo. Posso encarregar-me de obter taes documentos.

NICKELINA—Não nos despedimos do favor, mas nós mesmos iremos lá. (Ao Doutor e Soares). Que diabo! possuímos ainda o precioso talisman que n'um abrir e fechar d'olhos nos transportou a Lisboa.

DOCTOR—Pois sim, mas d'esta vez quem os não acompanha sou eu. Tenho muito que fazer na Côrte.

SCENA IV

OS MESMOS, GRYPHUS E RATAPLAN

AMBOS (entrando alegremente)—
Olá !... Vivam !...

JORNAL DO COMMERCIO — Temos imprensa nova?

RA-TA-PLAN—Imprensa caricata.

JORNAL DO COMMERCIO—Como se chama o amigo?

RA-TA-PLAN — Rrrra-ta-plan !...

GRYPHUS—E eu o Griphus, cuja missão é mostrar onde está o gato!

JORNAL DO COMMERCIO—Bom, venham commigo, meus filhos; quero apresental-os aos collegas, que os hão de receber com o mesmo prazer sincero com que rece-

bem quantos jornaes apparecem. (Aos outros). Entrem tambem para combinarmos a viagem. Quero, além d'isso, mostrar-lhes uma infinidade de questões muito interessantes.

SOARES—Devéras ?

JORNAL DO COMMERCIO — Ah ! eu sou colleccionador. Tenho lá dentro o crime da Parahyba, a suppressão das poules e outros assumptos muito divertidos. Venham.

TODOS—Vamos.

SOARES (sahindo, aparte)—Ora, o Tavares eleito ! (Sahida geral.)

SCENA V

DIARIO DE NOTICIAS, BOLETIM COMMERCIAL.

DIARIO DE NOTICIAS (trazendo uma cesta cheia de papelinhos)—Vae, vae por ahi ; corre a cidade inteira, e espanta essa gente, compadre !

BOLETIM—Prometto fazer uma revolução nos costumes da imprensa diaria. Arrumo-lhes o Lombard Street, o Potencial e mesmo o Potencial Aval.

DIARIO DE NOTICIAS—Quem é esse Potencial Aval ?

BOLETIM—E' cá uma coisa.

DIARIO DE NOTICIAS—Bom ; é segredo.

BOLETIM — Fallo-lhes do velhote da rua da Alfandega e de outras coisas esquisitas. Ninguém me entende e está o «Diario» com a fortuna feita.

DIARIO DE NOTICIAS—Vá, compadre! Você é dos diabos! Não perca tempo! (Empurra para fóra o Boletim, que sae.) Foi um achado, um grande achado! (Olhando para a cesta.) Isto é que é o diabo! A victoria está do lado dos Democraticos... mas os Fenianos são tão bons rapazes!.. dão-me uns annuncios tão compridos! Tenho aqui esta cesta cheia de votos e são quasi todos para os Democraticos. Mas, oh! que idéa! Vou dar sumiço a estes papeli-nhos, e digo depois em letra redonda que o homem do lixo, não sabendo que eram documentos de tanta importancia, despejou-os na carroça. O veredictum d'esta eleição ficará para sempre sepultado no mais profundo mysterio. Quem quizer saber a quem coube a victoria, que vá á ilha da Sapucaia. Vamos lá!.. vamos deitar fóra esta papelada! Oh! mas que vejo!.. Que procissão será aquella?.. Para o lixo! (Atira a cesta para o bastidor.) E' o meu collega Paiz que vem rebocando a im prensa fluminense! Que será?

SCENA VI

Diario de Noticias, Paiz, O Reporter especial, O Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Gazeta da Tarde, Italia, Rio de Janeiro, Diario Official, Rataplam, Griphus, e os outros jornaes fluminenses.

CÔRO, MARCHA E CONCERTANTE

(Musica de C. Cavalier).

CÔRO GERAL

Eis aqui toda a imprensa fluminense,
Modelo de confraternisação ;
Vendo-nos juntos ninguem ha que pense
Lavas haver no fundo do volcão.

O PAIZ.

Eu convoquei-vos sem mais demora,
Pois grande nova tenho que dar :
Chegou ás nossas plagas agora
Mademoiselle Sarah Bernhardt !

Gazeta de Noticias---Mademoi-
selle ? ! Diga Madame.
O Paiz---Mademoiselle !

GAZETA DE NOTICIAS

O' fluminenses,
Que as almas fallem !
Que as mãos estalem !
Vibrar ! Vibrar !
Tu nos pertences
Hoje, ó divina,
O' peregrina
Sarah Bernhardt !
Pois quando, toda
Paixão e fogo,
Fédora logo
Se envenenar,

A turba douda
Terá um grito
Longo, infinito :
Sarah Bernhardt !

CÔRO.

O' fluminenses, etc.

O PAIZ.

Vamos ! vamos !
Mais tempo não percamos !

CÔRO.

Eis aqui toda a imprensa fluminense, etc.

(Sahida geral. Mutaçãõ.)

QUADRO XI

Uma praça na cidade de Casa Branca,
em dia de festa. Arcos de folhagens,
bandeiras, etc.

SCENA PRIMEIRA

FAZENDEIROS, HABITANTES DE CASA
BRANCA, CAIPIRAS E O MESTRE-ESCOLA

CORO.

(*Musica de Offenbach.*)

Vae haver hoje em Casa Branca
Festa que ha de dar que fallar ;
Vamos dar hospedagem franca
Ao doutor que está p'ra chegar.

O mestre-escola—Quá de vacês
qué i comigo esperá o doutô na
estrada? Prémero qu'o home che-
gue aqui, tem tempo. O mió é es-
perá elle no caminho.

1º caipira—Diz bem, seu mes-

tre; eu vou com mecê. Tou morto pru vê o nosso doutô!

2º caipira — Eu já vi a figura delle pintada numa foinha do anno. E' um bonito véio!

Mestre—Eu tenho duas agirandoas de foguete p'r'attacá condo elle chegá. E' pum! pum! xim! pum! pum! Viva!... E convido elle logo p'ra visitá minha escola e insaminá os menino. O doutô ha de ficá admirado do adiantamento e porgresso dos fio do tenente-coroné e do Juca da Quebrada. Que meninos! ainda não tem doze annos e já assoletra todo o Simão de Nantua e já sabe a cartia do padre Ignacio.

1º caipira—Apôs já! Seu mestre é um bom porfessô!

Mestre—Tambem eu cá não estou com impaliativo. Não admetto vadiaçãos e immoralidades lá na escola. E' bolo de parmatoria e, quando Deus qué, junco, que é o que ensina os madarço.

1º caipira—Junco? Mas é poribido!

Mestre—Quá poribido quá nada! Ainda s'outro dia eu apanhei o filho do Ramualdo Góme n'uma diabrura, e li fui assentando o rêio, que até fiz vergãos. O pae foi levá o menino nas foia de Casa Branca, mas eu arranjei logo um nós embaixo assignado dos

outro menino e chimpei na imprensa. Depois eu tenho muita portecção: dei e hei de dar nos mácreado e nos malandro. Mas vamos a sabê: quem qué i esperá o doutô comigo?

Todos—Eu... eu !...

Mestre—Entonces a caminho.

Todos—A caminho !

(Repetição do côro)

(Saem todos, menos o Mestre, a quem Nickelina se dirige.)

SCENA II

O MESTRE-ESCOLA, NICKELINA, depois
SOARES

Nickelina — Meu amigo, póde dar-me uma palavra ?

Mestre---Pois não ! que é que mecê deseja ? Mecê não parece cá da terra ?

Nickelina---Não sou ; por isso desejava saber se não ha por aqui hotel, uma casa, uma sala, um quarto, onde eu me possa hospedar com um amigo.

Mestre--Uê ! Mecê deve saber mió do que eu. Tudo tá tomado p'ro bandão de gente que tá p'ra chegá co'o doutô, nem que mecê pague cumo pagá, não arranja nada.

Nickelina---Que diabo, diga-me então outra coisa : a fazenda do

tenente-coronel Regadas é muito longe d'aqui ?

Mestre—A fazenda de seu tenente-coroné fica muito pertinha. A gente vae por alli... toma a esquerda... quebra a mão direita... segue em frente... vorta p'ra esquerda outra vez... sobe a picada que fica p'ra traz e desce p'r'outra banda... Toma o ataio e vae chegá lá direitinho. E' muito perto.

Nickelina—Faço ideia!

Mestre — Mecê não qué mais nada ?

Nickelina --- Muito obrigada... muito obrigada...

Mestre—Entonces com sua licença. Vou esperá o doutô. (Sae.)

Nickelina (só)---O Soares está se demorando. Queira Deus encontre o que deseja.

SOARES (entrando)—Ah ! Meio-Tostão !

NICKELINA—Ora graças que volteaste !

SOARES—E desanimado, filha, aborrecido, furioso !

NICKELINA — Porque ? Dar-se-á caso que o tenente-coronel...

SOARES—O tenente-coronel é um idiota. Está maluco com a vinda do Doutor, que é esperado na terra, e mal me prestou attenção.

NICKELINA—E os papeis ?

SOARES—Não sabe onde os guar-

dou : se aqui, se n'outra fazenda, que possui em Mogy das Cruzes. Não os póde procurar agora. Logo que fique desembaraçado, e os encontre, prometeu remetterm'os para a Côrte.

NICKELINA—E não te offereceu hospedagem ?

SOARES—Qual historia ! Espera a comitiva na fazenda, e diz que não tem um só cantinho disponível. Pois olha, não foi por falta de vontade da tenenta-coronela, que me deitava cada olho...

NICKELINA—Bonita, heim ?

SOARES—Uma bruxa, uma verdadeira soroca.

NICKELINA — Então, meu caro, voltemos para a Côrte, porque toda a cidade está nas mesmas condições que a casa do tenente-coronel.

SOARES—Patetas ! Como se o Doutor esquentasse logar !

NICKELINA—Então ! Vamos embora ou não ? Já agora nada mais fazemos aqui !

SOARES—Com franqueza : não se me dava de esperar a chegada dos viajantes. Ao menos assistiríamos á recepção. Estás também tentada, bem vejo. Anda ! confessa...

NICKELINA — Para fallar verdade...

SOARES—Então fiquemos. O te-

nente-coronel não tarda ahi com a sua gente. Vamos ter mosquitos por cordas e moscas por arames. Olha! Que dizia eu? Lá vem elle!

SCENA II

OS MESMOS, TENENTE-CORONEL REGADAS,
DONA ENGRACIA, HABITANTES DE CASA
BRANCA, ESCRAVOS DA FAZENDA, CAIPI-
RAS, depois o MESTRE ESCOLA.

CORO E COPLAS

{Musica de Abdon Milanez.}

Que folia!
Que alegria!
O Doutor já vae chegar!
Que alvoroço no logar!

TENENTE-CORONEL

I

Oh! que dia de ventura!
Vae chegá nosso doutô!
Haja paudega em fartura,
Muita folha e muita flô!
E com tanta matinada,
Que tres dia ha de durá,
Fica as moças assanhada,
E as soroca ha de dansá!

Quebra tudo bem quebrado!
Repenica o violão!
Que um fadinho bem dansado
Ergue um morto do caixão!

(Dansam)

II

Nestes dia de festança
Sinto cocegas nos pé;

Quando se trata de dansa,
Não sou tenente-coroné!

(A D. Engracia.)

Sinhá dona companheira,
Faz favô, venha dansá!
P'ra puxá uma fieira
Não ha outra no logá!

Quebra tudo bem quebrado! etc.

(Dansam.)

TENENTE-CORONEL—São quasi hora. O home não póde tardá. Profile-se, siá dona... profile-se, nada de molezas! vá com o que eu lhe digo. Mecê deve parecê quem é: a muié de seu marido!

D. ENGRACIA — Sim, seu Rega das... deixe está que não hei de lhe envergonhá. (Vendo Soares.) Olhe... o moço bonito que esteve hoje lá na fazenda!

TENENTE-CORONEL—E é mêmo.

SOARES, baixo a Nickelina—Repara na velha... vê que olhos me deita!

NICKELINA, idem—Apresenta-me.

TENENTE-CORONEL—Ah! o senhô.. senhô que?

SOARES—Soares, um seu criado.

TENENTE-CORONEL—Soare... Mecê descurpe... Eu tenho uma cabeça muito dura pr'a decorá nome... Vá com o que eu lhe digo... Mas agora não me esquece mais!

SOARES—Permitta que lhe apresente o meu amigo Meio-Tostão,

que veio commigo a Casa Branca.

TENENTE-CORONEL — Meio Tostão ?
Que nome engraçado ! Aqui na
Casa Branca já houve um Pataca,
mas Meio Tostão é o premero, vá
com o que eu lhe digo.

D. ENGRACIA, ao tenente-coro-
nel—Que moço de sympathia ! Ai !
ai !

TENENTE-CORONEL—Poís, seu Meio
Tostão, estimo muito de conhecê
mecê... Tenho muita honra.

NICKELINA — Honra recebo eu,
por travar conhecimento com
uma das primeiras influencias do
logar, e principalmente por ter
a ventura de ser apresentado á
Exma. esposa do Sr. tenente-co-
ronel.

D. ENGRACIA, comprimentando
com affectação—Oh ! moço !

SOARES—De certo ; o meu amigo
não exagera, formosa senhora.

D. ENGRACIA, aparte—Fermosa !
Ai, minha Nossa Senhora, estou
entre dous fogo !

SOARES—Pelo que vejo, o Sr. te-
nente-coronel vem esperar...

TENENTE-CORONEL — O nosso dou-
tô... Não se póde demorá, vá com
o que eu lhe digo. Quero ser o
premêro a lhe apresentá as mi-
nhas homenage. Em farta de ban-
da lá na fazenda, trouxe este rea-
lejo (Indica um pequeno realejo,
que um moleque traz.), p'ra eu

mesmo tocá quando o home chegá. Ha de ter uma surpresa de admiração que eu não lhe digo, seu aquelle, vá com o que eu lhe digo.

NICKELINA — E ha de ficar-lhe reconhecido e á Exma.

SOARES — Talvez que até o brinde com uma teteia. O Doutor é muito ralacionado nas altas regiões. Ainda hei de vel-a baroneza, minha senhora.

D. ENGRACIA — Uê ! quem sou eu, moço ?

TENENTE-CORONEL — Barão ! Pois mecê suppõe que... ?

SOARES — E porque não ? Muito maiores caval... quero dizer: pessoas muito menos dignas o têm sido.

TENENTE-CORONEL — Home, meu retrato já sahio no «Mequetrefe», vá com o que eu lhe digo.

NICKELINA — E como ha de ir bem na Sra. baroneza um corôa de viscondessa !

D. ENGRACIA, aparte — Meu Deus ! que tentação ! cruzes !

TENENTE-CORONEL — Mecê é dos diacho ! Falla n'umas coisa que faz mêmo a gente ficá c'o agoa na bocca ! Mas me diga mecê que é lá da côrte : já fallou alguma vez c'o'doutô ?

SOARES — Nunca. Porque ?

TENENTE-CORONEL — Porque eu

quero indagá se elle é mêmo como se diz. Tenho umas conversa c'o elle... umas conversa séria, vá com o que lhe digo. A tá porpaganda abolicionista tá damnada! E' preciso tomá porvidencia. se não os Crapes e seu rancho deixa a gente na miseria forrando todos os escravinho da gente, vá com o que eu lhe digo!

SOARES—Ah! o senhor é escravocrata?

TENENTE-CORONEL—Eu não sou nada; sou sinhô da fazenda c'o escravatura e tudo; isso é que eu sou, e querem tirar a minha porpriedade: não admitto.

NICKELINA—O tenente-coronel é talvez emancipador.

TENENTE-CORONEL—Ahi! Agora é que mecê fallou direito. Eu quero que os escravo todo fique forro, mas é quando morrê; emquanto fôr vivo que trabalhe, que é p'ra isso é que se fez o negro, vá com o que eu lhe digo. Inda bem que a nova lei arrumou tudo no tronco por mais anno e meio, e ainda ha de ví outra que ha de arrumá elles na escravidão por toda a vida, vá com o que eu lhe digo.

SOARES—Engana-se, Sr. tenente-coronel: os abolicionistas acabam de alcançar uma grande

victoria, e, com o favor de Deus, não ha de ser a ultima.

TENENTE-CORONEL—Uma victoria? Diga mecê qual foi.

SOARES—A pena de açoites foi abolida.

TENENTE-CORONEL—O rêio? O bacaiáo? Não me diga isto pelo amô de Deus, seu aquelle!

SOARES—Pois foi! já não ha no Codigo similhante pena!

TENENTE-CORONEL --- Que me importa c'ô códio! O códio lá em casa sou eu e mais a dona, vá com o que eu lhe digo!

D. ENGRACIA--- E'. Nós é o códio. (Baixo a Nickelina) O que é códio, moço?

NICKELINA---E' uma coisa ao que parece, desconhecida n'estas paragens

TENENTE-CORONEL --- Eu hei de mostrá aos negrinho se ronca ou não ronca o bacaiáo. Apôs! Negro nasceu p'ra sê surrado cumo porco p'ra sê comido. Vá com o que eu digo! (Ouvem-se foguetes.)

SCENA IV

(S MESMOS, O MESTRE-ESCOLA, CAIPIRAS, depois o JORNAL DO COMMERCIO, VIJANTES, REPORTERS.

O Mestre, (entrando a correr)— Lá vem o home, seu tenente-corné, lá vem o home!

TENENTE-CORONEL — Vem? Tudo p'ro seu logá! Dá cá o realejo, Gabrié! Dá cá o realejo! (Entra o «Jornal do Commercio», acompanhado dos outros personagens. O tenente-coronel toca o realejo, e, sempre tocando, vae ajoelhar-se e beijar a mão do «Jornal do Commercio»).

JORNAL DO COMMERCIO — Perdão, creio que estão enganados... Eu não sou quem os senhores supõem...

TENENTE-CORONEL — Viva o nosso doutô!...

TODOS — Viva!

JORNAL DO COMMERCIO — Obrigado, mas eu sou... quero dizer, eu não sou...

TENENTE-CORONEL — Nós bem sabemos quem é... Escusa de está co partes, vá com o que eu lhe digo!

JORNAL DO COMMERCIO — Eu represento o «Jornal do Commercio.»

D. ENGRACIA (aparte) — Que velho bonito! ai! ai!...

Tenente-coronel — O «Jornal do Commercio!»

SOARES — E', sim, que eu bem o conheço, vá com o que lhe digo.

JORNAL DO COMMERCIO — Oh! meu charo! Já está por cá?

MESTRE-ESCOLA (aparte) — Diacho! eu que gastei minhas agirandoas de rojão!

TENENTE-CORONEL — Mas entonces o Doulô ?...

JORNAL DO COMMERCIO — Vem ahi ; ficou visitando a cadeia. Adiantámo-nos um pouco dos outros viajantes para podermos ver Casa Branca. Viajamos com tanta rapidez, que nem tempo temos para comer.

NICKELINA — Pois isto aqui é bem bonito. Vale a pena ver-se.

SOARES — Vale, sim. E' um lugar encantador, como todos do Brasil.

JORNAL DO COMMERCIO — Se é ! Tem muitas sorocas, mas tambem tem muita moça bonita.

SOARES — Temos bem perto de nós exemplos vivos.

NICKELINA — Palpaveis.

D. ENGRACIA (revirando os olhos, aparte) — Ai ! ai ! Estão bolindo c'o a gente !

JORNAL DO COMMERCIO — Senti-me inspirado ; tanto assim, que improvisei um motte e dei-o aos meus illustres companheiros de viagem para que o glosassem.

SOARES — Vá ; diga-nos o motte, que nós tambem o glosaremos.

D. ENGRACIA (aparte) — O ladrão é poeta !...

JORNAL DO COMMERCIO — Lá vae. Attenção !

LUNDÚ

De Casa Branca a cidade
Alegra quem a visita,

Pois ao lado das sorocas
Ha muita moça b nita.

SOARES— Lá vae obra!

Se querem ver do paulista
A franca sinceridade,
Vis tem como fi emos
De Casa Branca a cidade.

NICKELINA— Agora eu!

Tal como n'outros torrões
Da Paulicéa bemdita,
O agazalho, o carinho
Alegra quem a visita.

TENENTE-CORONEL— Agora eu! Ve-
jam que verso puxado á sus-
tancia:

O poeta vê-se em apuros
Acha trocas e baldrocas,
Mas a rima não lhe agrada,
Apezar de taes sorocas.

SOARES — Bravo!

NICKELINA.

Mas o que o estro lhe inflamma
E o que com força o agita
E' ouvir a cada canto:
Ha muita moça bonita.

TOTOS — Bravo! Bravo! (Pal-
mas.)

D. ENGRACIA (aparte)— Estes mo-
ço me deita a perdê!

JORNAL DO COMMERCIO — E' cele-
bre! Os versos são os mesmos
dos meus illustres companheiros
de viagem.

SOARES—Pudéra! O Serzedelo, que tambem vem na comitiva, tem dado copia d'elles a todo o mundo.

JORNAL DO COMMERCIO—Logo vi! Aquelle Serzedello!

TENENTE-CORONEL — Entonces mecês têm viajado muito? Têm visto tudo que ha de bom na terra?

JORNAL DO COMMERCIO — Qual! andamos n'um vae-vem vertiginoso. Não ha tempo nem para dormir. Vamos a toda a parte, vimos, mas não vemos nada...

SOARES — Tenho lido as correspondencias. Porque não visitaram o collegio de Itú?

JORNAL DO COMMERCIO—Pois ainda o pergunta? O' vós qui cum Jesu itis, non ite cum Jesuitis.

SOARES (aparte)—Julguei que era o Dr. Sá Bichão quem falava!

MESTRE-ESCOLA (correndo do fundo)—Ah! d'esta vez é o home, seu tenente-corné!.. E' o home! E eu que gastei as agirandoas! Chi! pum! pá tá pum! pum! (Sae a correr.)

TENENTE-CORONEL — Vamo, meu povo! Vamo encontrá os viajante!

SOARES—Vão depressa, se querem vel-os; elles viajam electricamente! (Saem todos a correr)

— D. Engracia segura Soares e Nickelina.)

D. ENGRACIA — Se mecês quizé dormi hoje na fazenda, eu arranjo lugá. Ai ! ai !

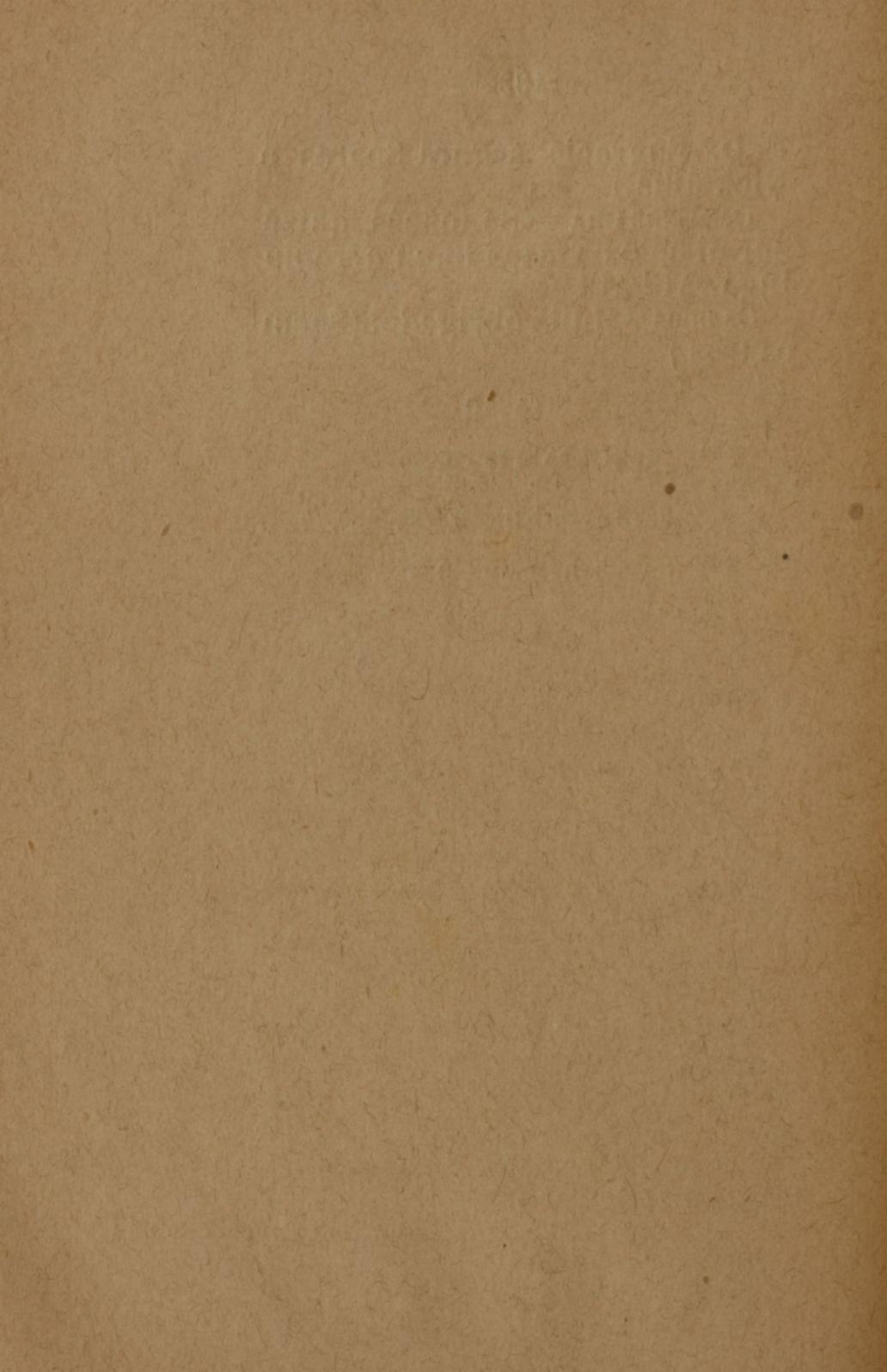
Os DOUS — Muito obrigado! (Saem os tres.)

MUTAÇÃO

QUADRO XII

APOTHEOSE PHANTASTICA

A VIAGEM IMPERIAL



ACTO III

QUADRO XIII

A praça da Constituição na noite de
Sete de Setembro de 1886

SCENA PRIMEIRA

PASSEANTES, 1º TYPO, 2º TYPO, depois
TAVARES, depois D. CHIQUINHA e MIN-
DOCA.

CÔRO.

(Musica de Sullivan).

Para ver illuminações
Ninguem mais do seu canto sae...
Já não ha manifestações !
Nesta terra o que é bom se vae !
Oh ! que Sete de Setembro !
Com franqueza : não me lembro
De haver visto um Sete assim !
Sim !
Oh, que Sete tão chinfrim !...

TAVARES (entrando, e encon-
trando-se com o 1º e o 2º Typos).
O' meu charo Guedes ! por aqui ?
E o Sr Graça também ?

1º TYPO—É' verdade... vendo as
luminarias.

2º TYPO — V. S. tem passado
bem ?

TAVARES—Assim, assim...

2º TYPO— Dou-lhe os parabens pelo seu triumpho nas eleições municipaes.

TAVARES— Muito obrigado. (Vendo D. Chiquinha e Mindoca, que entram.) Com licença, vou comprimentar aquellas senhoras. (Dirigindo-se a ellas). Minhas senhoras, como têm passado ?

D. CUIQUINHA— Viva, seu Tavares, seja bem apparecido, já não ha quem o veja !

TAVARES— Ando fugindo ás manifestações... Um retrato a oleo ou uma escrevaninha de prata saem sempre pelo triplo do valor, porque o manifestado é obrigado a dar um copo d'agua. Quem me déra pertencer á marinha!

D. CHIQUINHA— Porque ?

TAVARES— Porque na marinha foram este anno prohibidas as manifestações.

D. CHIQUINHA— Não o vejo desde o seu duello ! Está se vendendo muito caro !

TAVARES— Oh ! não falle n'isso, Sra. D. Chiquinha ! Que duello !..

MINDOCA— Se o senhor matasse o primo Soares, eu mataria o senhor !

D. CHIQUINHA— Cala a boca, Mindoca !

MINDOCA— Que, Mindoca !

D. CHIQUINHA (a Tavares) — E' sempre a mesma ! Como está

D. Maricota ? E a Tecla ? A D. Josephina não teve mais nada ?

TAVARES—Estão todas boas. Pediram que as recommendasse muito ás senhoras, se as encontrasse.

D. CHIQUINHA—Já se mudaram ?

TAVARES—Nem nos mudamos. O senhorio abateu trinta mil réis no aluguel da casa, e trata-me nas palminhas.

D. CHIQUINHA—Sabe, seu Tavares ? A Genoveva não appareceu ! Não sei onde diabo se metteu o diabo d'aquella mulata !

TAVARES—Sim ? (Aparte). Se soubesse...

D. CHIQUINHA—Se o senhor fosse um bom moço, me desencantava aquelle diabo !...

TAVARES (vivamente)—Mas com mil vontades, Sra. D. Chiquinha, com mil vontades ! Nem é proprio da senhora andar mettida n'isso. Olhe, amanhã passe-me uma procuração, dando-me poderes para dispor da Genoveva como se fosse minha. Prometto em poucos dias dar-lhe conta da memulata.

D. CHIQUINHA — Pois está dito ; amanhã mesmo vou ao Sayão Lobato, a quem conheço desde nino.

MINDOCA, (aparte)—Que cacete ?

SCENA II

OS MESMOS, UM GRUPO DE MANIFESTANTES,
COM UM RETRATO A OLEO.

1º MANIFESTANTE—Apanhei-te, ca-
vaquinho !

2º MANIFESTANTE — E' elle ! E' o
Tavares ! Bravo !...

1º MANIFESTANTE—Que diabo ! E
nós que despedimos a banda de
musica por não o acharmos em
casa !

3º MANIFESTANTE—Não faz mal...
Ainda cá está o retrato. (Mos-
tra-o).

2º MANIFESTANTE — Nesse caso,
faz-se aqui mesmo a manifesta-
ção.

1º MANIFESTANTE—Apoiado ! (Ti-
rando muitas tiras de papel do
bolso.) Lá vae obra ! (Lê). «Illus-
trissimo Sr. Faustino Tavares. Os
vossos amigos, satisfeitos pela
confiança com que acaba de dis-
tinguir-vos o digno eleitorado
fluminense... »

2º MANIFESTANTE—Muito apoiado!

3º MANIFESTANTE—Bonito !

1º MANIFESTANTE — « ... nomea-
ram-me a mim, o mais insuffi-
ciente... »

TODOS—Não apoiado !

TAVARES, (interrompendo)—Mas,
meus amigos, reparem que esta-
mos n'uma praça publica. Vamos

inevitavelmente cahir no ridiculo !

3º MANIFESTANTE — Tem razão ; fique com o retrato, que é obra aceiada do Petit. Lá iremos sabbado á sua casa para o copo d'agua.

TAVARES (vivamente) --- Perdão, não estou em casa... Negocio urgente me chama amanhã á roça... Parto no trem das cinco horas da madrugada.

2º MANIFESTANTE — Não ; isso é que não ! Manifestação sem copo d'agua não é manifestação. Ao menos vamos alli á Maison Moderne.

TAVARES— Oh! de modo algum ! na Maison Moderne !

2º MANIFESTANTE — Ora adeus ! hade ir ! Que diabo ! Um retrato a oleo !

1º E 3º MANIFESTANTES — Vamos ! vamos !

TAVARES — Perdão, mas estou com estas senhoras...

1º MANIFESTANTE— Melhor ; irão tambem Teremos o bello sexo...

TAVARES— Na Maison Moderne, oh !

3º MANIFESTANTE — Porque não ? iremos para um gabinete particular.

MINDOCA — Não, senhor ; vá o senhor só... Nós ficamos... (A D. Chiquinha) Il est abominable, cethomme !

TAVARES — Emfim, uma vez que não ha remedio...(Aparte) Queira Deus que o Desiré me fie! (Alto). Minhas senhoras!... D Chiquinha, não se esqueça da procuração!

D. CHIQUINHA — Fique descansado... Póde mandar busca-la amanhã á tarde... (Tavares sae com os manifestantes.)

1º MANIFESTANTE, (sahindo)—Foi o diabo termos despedido a banda de musica! (Tocando) Ta ra ta tchim bum! bum!

D. CHIQUINHA — Fazes mal em tratar este moço com tanta indiferença. Elle é teu noivo.

MINDOCA—Qual noivo nem meio noivo! Jamais!

D. CHIQUINHA — Eu te direi se é ou não é. Vamos ver as luminarias.

MINDOCA — Casar-me com semelhante homem! Dieu m'en garde! (Saem.)

SOARES (entrando, ao Doutor) — Decididamente os brasileiros perderam o sentimento da nacionalidade. Veja se isto algum dia foi Sete de Setembro!

DOCTOR— Quantum mutatus ab illo.

SOARES— Nem ao menos os castellos do anno passado e as salvas de artilheria no morro de Santo Antonio! Só um homem tinha patriotismo para promover os feste-

jos d'este dia. Morreu, e com elle desapareceu o Sete de Setembro.

DOUTOR—Mas não ha uma sociedade commemorativa da Independencia do Imperio ?

SOARES — Houve, porém creio que morreu tambem. Oh ! mas hei de reorganisal-a !... Está prompto a auxiliar-me ?

DOUTOR — Ex-corde ! Ponho ao seu dispor todo o meu enthusiasmo... faça d'elle o que quizer.

SOARES—Amanhã mesmo começarei a tratar d'isso. (Outro tom). É Nickelina ? Vim aqui na esperança de encontral-a, e nada ! Que fim teria levado ? Desappareceu como por encanto !

DOUTOR—Ninguem me arranca da minha convicção... ab imo pectore... Nickelina foi raptada... Tem havido ultimamente tantos raptos !

SOARES— Raptada ?

DOUTOR—Raptada, sim. Ella foi, outro dia, como sabe, á Sociedade de Quartettos, assistir a uma sessão de musica de camera. Era o vigesimo concerto classico a que ia na semana. Elles são tantos !

SOARES— Já é mania. Acho insupportavel a tal musica classica. Só aturo a do padre José Mauricio, porque era brasileiro.

DOUTOR—Naturalmente, e muito

naturalmente, a rapariga ferrou no somno...

SOARES— Eu faria o mesmo.

DOUTOR— Algum sугeito que precisava de miúdos deu com ella e abiscoitou-a Não sei se já lhe expliquei a origem do verbo abiscoitar.

SOARES— Não, mas não é preciso : vem de biscoito. Vamos ver isto por aqui... talvez que a encontremos

DOUTOR— Vamos lá. (Subindo com Soares). No tempo em que a rua da Alfandega se chamava a rua do Oratorio de Pau...(Perdem-se entre os grupos).

SCENA IV

D. CHIQUINHA, MINDOCA, SOARES e o
DOUTOR

MINDOCA— Oh ! quelle insipidité ! Quel ennui !

D. CHIQUINHA— Vamo-nos embora, que já deram oito horas... depois fica muito tarde.

MINDOCA— Allons donc.

SOARES (voltando com o Doutor) — Oh ! tia Chiquinha ! Mindoca !

MINDOCA (alegre)— Oh ! o primo Soares ! (Corre a elle).

DOUTOR— Um seu criado, Sra. D. Francisca.

D. CHIQUINHA— Seu Dr. Sá ! Que feliz encontro ! (Conversam baixo).

SOARES (que tem conversado com Mindoca)—Então ?

MINDOCA—Não ha meio...a mamã quer por força... e eu...

SOARES—E você, não tendo forças para resistir, vae casar com aquelle patife ! (A D. Chiquinha).
Minha tia ?

D. CHIQUINHA—Que é, Casusa ?

SOARES—Ainda uma vez repito-lhe: o casamento de Mindoca com o Tavares é impossivel.

D. CHIQUINHA—Mudemos de assumpto Eu sei o que faço.

SOARES—Não mudemos, não. O Tavares é um tratante. em breve devo ter as provas...

D. CHIQUINHA—Ora qual ! não ha de ser tanto assim. Quem é que accusa seu Tavares ?

DOUTOR—Latet anguis in herba, Sra. D. Francisca.

D. CHIQUINHA—Não sei quem é, mas é o mesmo... Ha de ser algum intrigante.

DOUTOR—Em negocios como é o casamento toda a cautela é pouca. Casar não é casaca. Aposto que não sabe a origem d'este ditado ?

SOARES—Ora, doutor, deixe-se agora de ditados ! (A D. Chiquinha.) E se eu lhe apresentar as provas ?

D. CHIQUINHA—Ah ! então o caso mudará de figura.

SOARES— Pois bem; peço-lhe um mez, um mez só de espera.

D. CHIQUINHA — E' justamente para quando está combinado o casorio... Mas olhe que, se o apanho em mentira, fico mal com você.

SOARES — Está dito! Viva a tia Chiquinha! Toca o hymno!

MINDOCA — Ah! mamã!... que vous êtes bonne!

D. CHIQUINHA — Bem; o tempo está passando e ainda temos que ir á kermesse do Cassino.

SOARES— Ah! vão á kermesse?

MINDOCA — Não querem acompanhar-nos?

DOUTOR — Nada. O outro dia cahi em lá ir e tive que dar dez mil réis por um copo d'agua.

SOARES — Vejam só. Entretanto, temos tão boa agua de vintem. Bem faço eu que não vou a kermesses. E' mais uma estrangeirice que não me entra nem a páo.

D. CHIQUINHA—Então vamos nós. Boa noite.

MINDOCA —Allons y. Adeus, primo Casusa!

SOARES, beijando-lhe a mão com effusão—Ah! vae-se chegando!.. Ainda bem! (D. Chiquinha e Mindoca cumprimentam e saem.)

DOUTOR — Ora você sempre me sahio um namorado das duzias!

Deixa a menina ir só, em vez de acompanhá-la!.. Decididamente não é um homem pratico! Digame: que fim levaram os papeis do fazendeiro?

SOARES—Espero-os a todo o momento. Já lhe escrevi de novo. Mas, ah! que vem a ser aquillo?

DOUTOR—Uma porção de garrafas ambulantes! Vejamos!

SCENA V

OS MESMOS, AS CERVEJAS CONDEMNADAS.

(As cervejas entram e percorrem a scena com precaução.)

CÔRO DE CERVEJAS

(*Musica de Audran.*)

Cervejas cá estão,
Que victimas são,
Sem appellação,
Da mais cruel condemnação.
Tenham compaixão
Da nossa posição...
Rispida foi tal punição.

DOUTOR — Percebo. E' o casus belli entre a Inspectoria de Hygiene e os fabricantes de cerveja.

SOARES — Que pena! Palavra! Eu tomava aquella Poço-Rico com muito gosto. E' bem boa!

DOUTOR—Oh! e o acido salycilico? (As cervejas vão sahindo.)

SOARES — Ora ! um beijo só não faria mal. E foram-se. Mas por que andam ellas com tanta precaução ?

DOUTOR — Sancta simplicitas. Se a Inspectoria as apanha, estão arranjadas.

SOARES — Olhe para alli, doutor: não é a Nickelina ?

DOUTOR — Parece. Vamos ver.

SOARES — Venha depressa. (Saem.)

SCENA VI

NICKELINA, C. V. I., depois SOARES e DOUTOR.

NICKELINA, entrando perseguida por C. V. I. — Deixe-me, senhor!.. deixe-me!.. que importuno !

C. V. I. --- Oh ! não me fuja ! Amo-te ! Adoro-te !

Nickelina — Que impertinencia !

C. V. I. --- Idolatro-te ! Em ti deposito todas as minhas esperanças.

SOARES (voltando com o Doutor) — Então ? não lhe disse ? E' ella !... Nickelina !

NICKELINA — Ah ! és tu ?... Chegas a proposito ! Este senhor não me quer deixar.

C. V. I. — De certo. Preciso muito de ti para a minha companhia.

SOARES — Que sem cerimonia ! Pois digo-lhe que ella esta perfei-

tamente na minha. Afinal de contas, quem é o senhor?

C. V. I—Não vê? (Mostra o letreiro.)

DOCTOR—Cento e seis!

C. V. I—Cento e seis? Que conta é essa?

DOCTOR—Pois então? C, cem; V, cinco; I, um; são cento e seis.

C. V. I—Engana-se, isto não é letra romana C, Companhia; V, Villa; I, Isabel.

SOARES—Agora compreendo. E' a companhia de Villa Isabel que estabeleceu passagens de meio tostão, e precisa para ellas da moedinha de 50 réis, que é Nickelina.

C. V. I—A, q, u, i qui...

DOCTOR—Meneres! Já expliquei isto.

C. V. I. (a Nickelina) — Então? Vens ou não? Vê como te amo; não me abandones!

NICKELINA—Está bem; vae e conta commigo. Prometto não abandonar-te.

C. V. I—Juras?

NICKELINA—Pelo rei Conto de Reis!

C. V. I—Oh! que ventura! (Sahindo). Que ferro para os meus collegas da S Christovam!

SOARES—Com que então, a senhora deixou-nos e deu ás de Villa... Isabel, heim?

NICKELINA—Que queres? Fui raptada!

DOUTOR—Na sessão de musica de camera, não?

NICKELINA—Exactamente. Tocava-se uma symphonia de Jadasohn!

DOUTOR—E adormeceu? (A Soares) Então, dei ou não dei no vinte? Ninguem escapa do somno.

DOUTOR.— Vamo-nos embora.. Não sahimos hoje d'aqui?

SOARES e NICKELINA — Vamos!
(Saem os tres)

MUTAÇÃO

QUADRO XIV

O palacio dos theatros

SCENA PRIMEIRA

DOUTOR, SOARES, NICKELINA, depois a EMPREZA FERRARI, depois a EMPREZA ROSSI.

SOARES (entrando com os outros; a Nickelina)—Está acabada a tua commissão, mas não quero que deixes de mencionar no teu relatório alguma coisa relativa aos theatros de minha terra.

NICKELINA—Que palacio é este?

SOARES—O emporio dos theatros: o armazem de todas as novidades theatraes.

DOUTOR—Para começar, vou fa-

zer-te uma apresentação. (Indo ao encontro da Empreza Ferrari, que entra). Apresento-te a conceituada Empreza Ferrari.

EMPREZA FERRARI—Fui eu que trouxe ao Rio de Janeiro o Gayarre e a Aida; o Tamagno e o Propheta; a Durand e a Hebréa; a Borghi-Mamo e a Gioconda... E o Salvador Rosa, e o Excelsior... e tutti quanti. Sou uma empreza benemerita.

EMPREZA ROSSI (entrando)—Mas este anno cessou o teu reinado. Cahirás aos golpes que vou vibrar contra ti.

DOCTOR—Esta é a Empreza Rossi.

EMPBEZA FERRARI — Insolente ! Pretendes atravessar-te no meu caminho ! Porque não ficaste em S. Paulo ?

EMPREZA ROSSI — E tu porque não vaes para lá ?

EMPREZA FERRARI—Eu mato-te, malcreada !

EMPREZA ROSSI—Eu espatifo-te, orgulhosa !

DOCTOR—Mão !.. neste andar as duas atacam-se unguibus et rostro !

SOARES e NICKELINA (apartando-as)—Então ?.. o que é isto ?

SOARES—Trate cada qual de sua vida e não se importe com a outra.

EMPREZA FERRARI—Diz bem, senhor ; vou preparar o meu Bhrama ! (Sae).

EMPREZA ROSSI—Uma tola, que quer abarcar o mundo com as pernas !

SOARES—Como bom carioca, não morro de amores por estes forasteiros que fazem de nossa terra um entreposto artistico-commercial, deixando á fome os pobres artistas nacionaes. Entretanto, reconheço que a Empresa Ferrari tem direitos adquiridos, porque nos tem trazido muita coisa boa.

NICKELINA—Naturalmente esta senhora vem aproveitar o terreno preparado pela outra ?

EMPREZA ROSSI—Engana-se. A Empresa Ferrari não traz este anno opera lyrica, mas opera comica e baile. Opera lyrica sou eu que a trago. Adeus ; vou tratar da vida, que a morte é certa.

SOARES—Isso é. (Empresa Rossi sae).

NICKELINA—Mas digam-me : não houve este anno nenhum drama nacional ?

SOARES—Um unico : o Caboclo, uma peça bem carioca ; bem nossa e muito bem escripta.

DOUTOR—Mas um jornal affirmou ser adaptada de não sei que peça hespanhola.

SOARES—Um disparate. Os dous

trabalhos não se parecem nada. Vê lá, Nickelina, vê lá como isto é. Tivemos um unico drama nacional, um unico, e esse mesmo achou quem o taxasse de plagiado.

NICKELINA—Que estímulo !

SOARES—Felizmente, alguns espectadores de boa fé applaudiam sempre o Caboclo.

DOUTOR—Rari nantes in gurgite vasto.

NICKELINA—E' realmente lastimavel este estado de coisas. Quem era o Caboclo ?

SOARES—O Vasques.

DOUTOR—Sahio-se perfeitamente n'um papel dramatico, ou antes, tragico. Estive ás duas por tres a bradar do meu camarote : plaudite, cives ! (Ouve-se um grande barulho no bastidor.)

OS TRES—Que é isto ?

SCENA II

OS MESMOS, UMA CELEBRIDADE, UMA MULHER, que logo sae, e FELIPPE.

CELEBRIDADE (entrando furiosa a brandir um chicote)— Vous êtes des brutes ; je m'en vais !

FELIPPE (entrando a segurar a mulher)— Si vous voulez continuer, ne faites pas de cérémonie ; je la tiens !

CELEBRIDADE — Non, ça suffit.

(Felippe larga a mulher, que desaparece.)

SOARES (a Felippe) — Oh! que é isto? Pois o senhor agarrou na outra para a Madama dar de chicote?

FELIPPE (com sotaque francez) — Pardon, mas o senhor não sabe o que esta mulher tem feito. Ella teve a audacia de levar a mão contra a primeira artista d'este siècle.

DOUTOR — Pois é pena que a primeira artista d'este seculo se entregue a taes excessos. Si parva licet componere magnis, parece-me uma Maria da Fonte.

CELEBRIDADE (com sotaque francez) — Quero ir me embora... no Brasil eu só tenho tido desgostos.

NICKELINA — Como falla bem o portuguez!

SOARES — Esta mulher extraordinaria sabe tudo. Representa, caça, faz estatuas, joga o florete e pinta.

DOUTOR — Pinta, sobretudo.

NICKELINA — E o senhor? está tambem desgostoso com a terra?

FELIPPE — Certainement... Pois a senhora não sabe que eu foi pateado?

NICKELINA — Olhem! elle tambem falla portuguez.

FELIPPE — Pateado! Moi! un pre-

mier prix du Conservatoire de Paris !

DOUTOR—Mas em que e por que o patearam ?

FELIPPE—Porque eu representou a Dame aux Camelias como se representa à Paris, e não fez de Armand Duval um bonequinho d'agua de cheiro. Madame, allons faire notre première scene d'amour de la Dame aux Camelias ? Ces messieurs et dame verront si le public a été juste...

CELEBRIDADE — Mais, volontiers, mon cher.

FELIPPE—Os senhorres preste toda attention. Premier acte. (Tomam posição.) Si je vous disais, Marguerite, que j'ai passé des mois entiers sous vos fenêtres... (Interrompendo-se.) Pardon ! (Tira um bigode postigo do bolso, e applica-o em si.) Je garde depuis six mois un bouton tombé de votre gant.

CELEBRIDADE — Je ne vous croirais pas...

FELIPPE — Vous avez raison. Je suis un extravagant ; riez de moi, c'est ce qu'il y a de mieux à faire. (Com voz de trovão.) Adieu ! (Vae sahindo.)

CELEBRIDADE—Armand !

FELIPPE (voltando)—Vous me rappelez ?

SOARES—Elle diz—adieu—como quem diz—ora viva !

CELEBRIDADE—Eh ! bien ! Donnez moi une poignée de main... venez me voir quelque fois... souvent... nous en reparlerons.

FELIPPE—C'est trop... et ce n'est pas assez.

CELEBRIDADE—A ce qu'il parait, je vous dois quelque chose.

FELIPPE—Ne parlez pas ainsi. Je ne veux plus vous voir rire avec les choses serieuses.

DOUTOR—Elle ainda acaba dando-lhe pancada !

CELEBRIDADE—Je ne ris plus.

FELIPPE—Voulez vous être aimée ?

CELEBRIDADE—C'est selon. Par qui ?

FELIPPE—Par moi.

CELEBRIDADE—Après ?

FELIPPE—Etre aimée d'un amour profond, eternel ?

CELEBRIDADE—Et si je vous crois tout de suite, que direz-vous de moi ?

FELIPPE—Que vous êtes un ange !

NICKELINA (arremedando-o)—
Que vous êtes un ange !

FELIPPE (a Nickelina)—Attention, Madame.

CELEBRIDADE—Non : vous direz de moi ce que tout le monde en dit. Qu'importe ? Puis que j'ai à

vivre moins longtemps que les autres, il faut bien que je vive plus vite.

FELIPPE (com um berro) — Marguerite !

SOARES (com um pulo) — Oh ! senhor ! assustou-me !

CELEBRIDADE — Tout cela mérite quelque chose. Prenez cette fleur (Dá-lhe o chicote.)

FELIPPE — Pourquoi cette fleur ?

CELEBRIDADE — Vous me la rapporterez.

FELIPPE — Quand ?

CELEBRIDADE — Quand elle sera fanée

DOUTOR — Ha de ser difficil.

FELIPPE — Et combien de temps lui faudra-t-il pour cela ?

CELEBRIDADE — Mais ce qu'il faut à toute fleur pour se faner : l'espace d'un soir ou d'un matin.

FELIPPE — Ah ! Marguerite, que je suis heureux !

CELEBRIDADE — Eh ! bien ! Dites moi encore que vous m'aimez.

FELIPPE — Oh ! oui ! je vous aime !

SOARES — Elle diz — je vous aime — como quem diz — Ora bolas ! —

CELEBRIDADE — Et maintenant partez.

FELIPPE (tirando o bigode e guardando-o) — Faz favor de me dizer se isto não é grand art ?

Voilà ce qu'on apprend au Conservatoire de Paris.

CELEBRIDADE— Sim, mas nós podemos apresentar coisa melhor. Nous y reviendrons ! Suivez-moi.

FELIPPE (sahindo com ella) — Avez vous lu Manon Lescaut, Madame ?

SCENA III

DOUTOR, NICKELINA, SOARES, EMPREZA ROSSI, coberta de andrajos, depois a EMPREZA FERRARI, depois um grupo de estudantes.

SOARES— Que grande trovoada !
EMPREZA ROSSI (entrando furiosa)
—Fischiato ! fischiato il mio direttore d'orchestra !

NICKELINA— Fischiato ?

EMPREZA ROSSI.—Pateato !

DOUTOR—Oh ! senhor ! mais pateada ! Pateado porque ?

EMPREZA ROSSI— O publico queria um direttore brasileiro, eu só lhe podia dar um direttore italiano.

DOUTOR— Ad impossibilia nemo tenetur.

SOARES—Com esta gente não ha meio de fallar portuguez.

EMPREZA ROSSI—Mas tenho esperanças no Hamleto e na Laureana. (Sae.)

SOARES—Pobres artistas !

NICKELINA — Vão ficar todos a pão e agua !

SOARES — Se não ficarem a agua só.

DOUTOR — E os empregarios ? Res perit Domino.

EMPRESA FERRARI (entrando coberta de andrajos) — A que estado me vejo reduzida ! E tudo isto por ter reduzido o preço dos bilhetes ! Decididamente este anno acabo na mais negra miseria. (Apontando para o vestuario.) Vejam como está isto ! Felizmente ainda tenho alguns vestuarios de baile. Vou mudar de fato. (Sae—Musica.)

TODOS — Oh ! (Atravessa o funde um grugo de estudantes carregando um ramilhete colossal.)

CÔRO DE ESTUDANTES.

(Musica de C. Cavalier.)

A mocidade academica
Vae neste instante off'rtar
Um ramo pantagruelico
A' grande Sarah Bernhardt

(Desapparece o grupo.)

SOARES — Safa ! Aquillo não é ramilhete, é uma montanha !

DOUTOR — E que estudantes ! Ha alguns quasi da minha idade !

NICKELINA — Cada latagão !

SCENA IV

OS MESMOS, EMPREZA ROSSI, depois UMA CANTORA, acompanhada por admiradores, depois o EMPREZARIO DOS PAPAGAIOS.

EMPREZA ROSSI (entrando furiosa)
—Fischiato ! fischiato !

DOUTOR — Ainda ! Estamos em maré de pateadas !

SOARES—Com effeito ! E quem foi agora o pateado ?

EMPREZA ROSSI—Il Bertini ! o tenor mais caro da companhia. (Entra a cantora, acompanhada pelos admiradores que a acclamam.)

ADMIRADORES—Viva a Buliccioff ! Viva !

BULICCIOFF—Oh ! grazie ! Non ho fatto niente !

TODOS—Viva a grande abolicionista ! Viva ! (Saem.)

NICKELINA — Mas porque toda aquella festa ?

EMPREZA ROSSI—Ah ! Aquella artista cedeu para a liberdade dos escravos as joias que lhe haviam de dar na noite de seu beneficio. Vou ver o resto da festa. (Sae.)

DOUTOR— E' um bello exemplo, que naturalmente não ha de ser imitado !

EMPREZARIO DE PAPAGAIOS (entrando)—Qual dos senhores me empresta cem mil réis ?

SOARES—Essa agora! Não o conheço.

DOUTOR—Nem eu...

EMPRESARIO—Preciso de dinheiro para mandar buscar a minha companhia lyrica de papagaios, que ha seis mezes está annunciada!

SOARES—Pensa, então, que nós comemos araras?

NICKELINA—Espere... parece-me que o estou conhecendo. Não foi o senhor que pretendeu o outro dia apresentar uma mulher mutilada?

EMPRESARIO—Sim, senhora. Mas não enguliram a pilula. Fui pateado.

DOUTOR—Tu quoque?

EMPRESARIO—Então nem ao menos vinte mil réis?

SOARES—Nada! ponha-se ao fresco! Vá impingir os seus papagaios mais adiante.

EMPRESARIO — Paciencia! (Sae.)

NICKELINA—Ahi está um sugeito que póde dizer que vive á sombra dos seus louros.

SOARES—Neste caso o periquito é quem come o milho e o papagaio quem leva a fama.

SCENA V

DOUTOR, SOARES, NICKELINA, COMPANHIA DE D. MARIA, depois o DUQUE DE VIZEU.

D. MARIA—Vossencias sabem

me dizer onde é o Recreio Dramático ?

NICKELINA—Vá entrando— Pergunte lá dentro.

D. MARIA—Conhecem-me ! Sou a companhia de D. Maria.

SOARES—Oh ! Sra. D. Maria !

DOUTOR—Ha muito tempo que a conheço de reputação. A sua fama já havia cá chegado Já sei que nos vem trazer alguma boa producção do moderno theatro portuguez.

D. MARIA — Engana-se, meu charo senhor : o meu repertorio é todo francez.

DOUTOR — Em casa de ferreiro espeto de páo.

D. MARIA—Ah ! é verdade ! traço uma peça nacional, que vale muito.

OS TRES—Qual ?

O DUQUE DE VIZEU (entrando)

Eu, meus, senhores, eu !
Eu chamo-me, senhora, o Duque de Vizeu.
Amo perdidamente, adoro como um louco
A candida e gentil Margarida Tinoco,
Que parente não é de um reporter famoso.
Sou irmão da rainha ; o seu medonho esposo
D. João Segundo, um dia, ó funebre lembrança,
Mandou matar meu mano, o Duque de Bragança
Esse Nero feroz, esse monstro, essa harpia
Vae dar cabo de mim, mais dia, menos dia.

SOARES

Que familia, meu Deus ! Que sorte mais tyranna !
O rei os manos mata ! E o que é que faz a mana ?

DOUTOR

O' Duque de Vizeu, porque de lá não foges ?
Improbis amor quod mortalia pectora cogis !

E' comprido, mas é verso.

NICKELINA.

Pobre victima, vae ! Cumpre o destino teu !
O povo inteiro espera o Duque de Vizeu.

DUQUE

— Vamos D. Maria.

D. MARIA.

A occasião é bella.

DOUTOR.

Emquanto o vento sopra, é bom molhar a vela.

(Sahem o Duque e D. Maria).

SCENA VI

DOUTOR, SOARES, NICKELINA, depois FELIPPE, CELEBRIDADE, ESTUDANTES.

SOARES— E' uma das importações estrangeiras que mais me têm agradado.

DOUTOR— A mim tambem. (Ouve-se grande vozeria. Felipe, vestido de Hyppolito, e a Celebridade, vestida de Phedra, entram, perseguidos pelos estudantes em mangas de camisa).

CELEBRIDADE — Laissez-moi ; je vous prie. (Acclamações).

FELIPPE — Vous allez etouffer madame !

SOARES— Que é isto ? Os estudantes em mangas de camisa ?

FELIPPE — C'est de l'enthousiasme !... Os senhores podem ir embore e... Madame fica muito grata á sua fineza... Podem ir apanhar no palco os paletots. (Os estudantes sahem dando vivas).

NICKELINA — Ah ! atiraram os paletots no palco ?

SOARES — Já é !

DOUTOR — Eu sabia que ella era actriz de se lhe tirar o chapéo, mas o paletot !

CELEBRIDADE (a Felippe)

Oh ! si d'un sang trop vil ta main serait trempée
Au défaut de ton bras prête-moi ton épée.

Donne (Arranca a espada de Felippe e quer matar-se).

NICKELINA.

Que faites vous, madame ! Juste Dieu !

(Leva-a para dentro).

FELIPPE.

Theramène, fuyons...

DOUTOR.

Theramène, será elle !

FELIPPE.

Ma surprise est extrême :
Je ne puis sans horreur me regarder moi-même.

(Sae a passos tragicos).

SOARES — Oh ! maluco ! (Nickelina volta).

SCENA VII

DOUTOR, NICKELINA, SOARES, A MARTYR,
depois o CONDE DE MORAY, depois o
ALMIRANTE.

A MARTYR (entrando e lançando-se aos pés do Doutor)—Senhor, interceda por mim!.. Elle ahí vem, meu marido, o conde de Moray!

SOARES—Conheço a sua historia porque a li nos folhetins do «Diario de Noticias», mas permitta que lhe diga : se a senhora é martyr, a culpa é sua.

A MARTYR (levantando-se) — Minha!

NICKELINA— Sua, sim! Eu tambem conheço a historia, Porque não confessa que o rapaz assassinado por seu marido é seu irmão?

MARTYR — Oh! pois não sabeis que elle é o fructo do crime de minha mãe e que eu me sacrifico por ella?

DOUTOR — Mas a senhora — eu tambem conheço a historia — a senhora tem uma filha : não deve sacrificar a pobre criança.

MARTYR — Diz bem... o senhor abriu-me os olhos... Por minha mãe eu me sacrifiquei, mas por minha filha sacrificarei o mundo inteiro (Indo ao encontro do

Conde, que entra.) Roger... tu amas-me?

CONDE— Eu adoro-te, mas, obrigado a curvar a cabeça ao peso...

NICKELINA— De que?

CONDE— Da vergonha!

SOARES — Mas desgraçado! O moço que assassinaste é irmão d'ella, é teu cunhado, é filho de tua sogra, e não é nada de teu sogro!

DOUTOR— Comprehendes agora?

CONDE— Que me diz você? Ora sempre sou um grande pedaço d'asno!

NICKELINA— Eu ha muito tempo estava desconfiada d'isso.

MARTYR — Abraça-me, Roger!
(Abraçam-se.)

ALMIRANTE (entrando) — Onde está ella? Não quero vel-a!.. Oh! que vejo!.. abraçados! reconciliados!.. Então ella justificou-se -

CONDE— Eu lhe digo...

SOARES— Não vê que...

NICKELINA— Ha coisas...

DOUTOR— Imagine que...

MARTYR (interrompendo) — Silencio! Meu pae, eu não me justifiquei: Roger perdoou.

CONDE (aparte)— O diabo é que durante a nossa separação o frontespicio ficou muito deteriorado!.. Vamos, meu anjo; vamos recommear a nossa lua de mel.
(Sahem.)

ALMIRANTE (aos outros personagens)—Pois, senhores! este meu genro sahio-me um grande philosopho! (Sae.)

SOARES (ao Doutor)—Se nós lhe dissessemos tudo?

DOCTOR—Deus nos livre! Haveria materia para outro drama-lhão em 5 actos, o que seria uma desgraça!

SCENA VIII

OS MESMOS, O ACTOR POLO, depois EMPREZA FERRABI, BAILARINAS.

ACTOR POLO (entrando a procurar um objecto pelo chão)—Perdão!.. com licença!.. Não está!.. Nada!..

SOARES—Perdeu alguma coisa?

ACTOR POLO—Ah! deixe-me! Estou afflictissimo!.. Sou um dos emprezarios da Companhia Principe Real de Lisboa... Já estava a bordo, prompto para partir, quando dei por falta da minha melhor joia... uma cruz esplendida!..

NICKELINA—Uma cruz!

ACTOR POLO—Não a encontro em parte alguma; faz-me uma falta enorme!

SOARES—E era de valor?

ACTOR POLO—Era a mais rica da minha collecção. E bonita.

SOARES—Enão, meu charo, per-

ca-lhe as esperanças !.. Quem a achou, levou-a consigo.

ACTOR POLO—Minha rica cruz !.. Minha rica cruz ! (Vae a sahir e deixa cahir uma margarida.)

SOARES — Olá ! ó amigo ! olhe que deixou cahir a flor !

ACTOR POLO—Que importa a flôr ! Fiquei sem a cruz, fico tambem sem a margarida.

DOUTOR— Pobre companhia ! bifaram-lhe a cruz !..

SOARES—Algun amador ! (Musica).

NICKELINA — Não me engano. Esta musica é do Bhrama ! (Entra a Empreza Ferrari perseguida em mimica pelas bailarinas).

DOUTOR—Bom ; temos um pouco de mimica !

NICKELINA— Nada de mimicas. Vamo-nos embora. Tenho que apromptar o meu relatorio e partir.

SOARES— Já ?

NICKELINA—E então ? Está a terminar o anno...

DOUTOR—Só lhe peço que não se esqueça de mim. As finanças continuam mal e eu tenho o meu projecto.

NICKELINA— Fique descansado. Vamos.

DOUTOR e SOARES--Vamos!(Sahem. Bailado do Bhrama).

Mutação.

QUADRO XV

A mesma sala do prologo.

SCENA PRIMEIRA

O SACHRISTÃO, D. CHIQUINHA

SACHRISTÃO (da porta)—Dá licença, Sra. D. Francisca ?

D. CHIQUINHA (apparecendo da direita, vestida de cerimonia)—Entre quem é.

SACHRISTÃO—Sou eu, sim senhora ; um servo de Deus e de V. Ex.

D. CHIQUINHA—Ah ! é seu Couto ?

SACHRISTÃO—O Sr. vigario manda saber se é sempre hoje.

D. CHIQUINHA—E' sim ; ás 5 horas. Chegámos ha pouco do Castello, onde fomos em romaria á gruta de Lourdes, pedir a Nossa Senhora que nos ampare neste mundo.

SACHRISTÃO—A' gruta de Lourdes... no Castello ?

D. CHIQUINHA — Então ?.. pois não sabe que fizeram uma gruta de Lourdes... de verdade ?

SACHRISTÃO—De verdade, é que não... acho até esta historia de gruta um tanto grotesca.

D. CHIQUINHA — Não diga isto, seu Couto ! Que heresia !

SACHRISTÃO—Não discuto. Por causa de discussões me atraquei hontem com o padre Guerra.

Elle aprumou-me com um calice...

D. CHIQUINHA — E o senhor calou-se?

SACHRISTÃO — Não... calice... com y... e dous ss. E eu fui lhe dando o troco em r. iudos...

D. CHIQUINHA — Credo! Santo nome de Jesus!

SACHRISTÃO — Pudera! nestes tempos, qualquer que seja o jogo, trunfo é páos. . Olhe o outro do Matadouro! Era um bom empregado, mas como queriam ver-se livres d'elle, foram-lhe ao pelego.

D. CHIQUINHA — Está bom, basta de séca, que são 4 horas dadas.

SACHRISTÃO — Então ás 5.

D. CHIQUINHA — A's 5.

SACHRISTÃO — Que bom casamento!... Um vereador! A's ordens! (Sae).

SCENA II

D. CHIQUINHA, depois TAVARES, o SENHORIO, a MADRINHA, depois o DR. SA'.

D. CHIQUINHA — Finalmente vou ver a Mindoca casada. Já não era sem tempo. Além do dote, dou-lhe a Genoveva... mesmo porque não ha meio de descobrir onde se metteu o diabo da mulata. (Batem palmas). Quem é?

TAVARES (da porta)—Somos nós : eu e os padrinhos.

D. CHIQUINHA — Ah ! o noivo ! (Entram Tavares, o Senhorio e a Madrinha). Então que é da Mari-cota, e a Teca ? A D. Josephina ainda não ficou boa de todo ? (Vae comprimentar a Madrinha).

TAVARES— Foram esperar-nos á igreja. Não mandaram recomendações... porque... hão de encontrar-se d'aqui a pouco...

D. CHIQUINHA—Mas que demora foi esta ?

TAVARES — Faça idéa ! Como sabe, estou servindo no jury. Fui hontem sorteado e gramei até hoje pela manhan... Era o processo da...

D. CHIQUINHA—Eu sei... e então ?

TAVARES— Que dia e que noite ! mas tambem que jantar ! que jantar e que vinhos ! Que pandega !

D. CHIQUINHA— E a ré.

TAVARES--- Absolvida...

O SENHORIO — Não era possivel condemnal-a. Ella estava tão bem vestida ! E que bons brilhantes !

D. CHIQUINHA — Fizeram muito bem... Coitadinha !

SENHORIO — Mas podiam tel-a absolvido com mais decencia. Procurassem a justificativa.

DR. SÁ, entrando—Adsum ! Sempre se espera pela peor figura.

TAVARES — Oh ! não diga semelhante coisa !

DOUTOR (baixo a D. Chiquinha, apertando-lhe a mão)— Vim como amigo velho, mas bem contra a vontade. O Soares lá foi para o Correio á procura de cartas. Pobre rapaz !

D. CHIQUINHA — Meu sobrinho é um visionario. Mindoca faz um casamentão.

DOUTOR (torcendo o nariz) — Hum ! (A Tavares.) Já soube que o 2º escrutinio foi annullado ?

TAVARES — Annullado ?... Pois o juiz annullou ?

D. CHIQUINHA — O que?.. seu Tavares não é mais vereador ?

SENHORIO (aparte) — E eu que, além dos alugueis, lhe emprestei o dinheiro para o enxoval ! Estou roubado !

TAVARES — Que importa a annullação ? Sahirei eleito novamente.

D. CHIQUINHA — Se eu soubesse isto hontem, transferia o casamento.

DOUTOR — Agora é pegar-lhe com um trapo quente... Sabe a origem d'este ditado ?

D. CHIQUINHA — Ora eu mesmo estou agora para origens ! Ahi vem Mindoca !

SCENA III

OS MESMOS, MINDOCA, depois SOARES.

TAVARES (indo-lhe ao encontro)
—Minha senhora, permitta que...
(Mindoca dá-lhe as costas e desata a chorar nos braços do Doutor.)

DOUTOR—Sunt lacrymæ rerum.

SENHORIO (á Madrinha)—A noiva não parece morrer de amores pelo nosso inquilino!

TAVARES — Então vamos? (Ouvem-se dar 5 horas.)

D. CHIQUINHA—Vamos. São horas! (A parte.) Se arrependimentos salvassem... (O Senhorio vae dar o braço a Mindoca, que está em prantos—O Doutor a D. Chiquinha e Tavares á Madrinha—Dirigem-se para a porta muito tristes.)

SENHORIO (aparte)—Parece uma missa de setimo dia! (Vão a sair, quando entra Soares, agitando nas mãos uns papeis.)

SOARES — Chego a tempo! Dão licença para um?

MINDOCA—Ah! (Larga o braço do Senhorio e corre a Soares.)

SOARES (a Tavares e D. Chiquinha)—Com estes papeis, que acabo de receber do tenente-coronel Regadas, de Casa Branca...

TAVARES (aparte) — De Casa Branca ! Já não estou bem aqui...

SOARES — Posso provar á luz meridiana...

TAVARES (baixo) — Cale-se !.. renuncio a tudo.

SOARES — Então raspe-se !

TAVARES — Mas...

SOARES (alto) — Raspe-se e sem dizer palavra !

DOUTOR — A porta da rua é serventia da casa !

TAVARES — Ora ! não faltam casamentos ! (Põe com violencia o chapéo na cabeça e sae.) Vivam !

SENHORIO — Vamos, Chrispiniana ! Vamos trabalhar pela eleição do homem, senão estou roubado ! (Saem.)

D. CHIQUINHA — Mas afinal o que fez elle em Casa Branca ?

SOARES — Não se póde dizer ao pé de senhoras.

D. CHIQUINHA (entregando-lhe Mindoca) — Aqui a tens ! Soubeste conquistá-la.

MINDOCA — Oh ! quel bonheur !

SOARES — Prima, peço-lhe um unico favor: falle-me em portuguez... Você com o francez e o Dr. com o latim, põem-me grego. (O Doutor ri-se).

D. CHIQUINHA — E eu que passei procuração ao patife para tratar do negocio do diabo d'aquella mulata.

SOARES — Da Genoveva? Acabo de encontral-a...

D. CHIQUINHA (contentissima)— Ah!

SOARES — A Camara Municipal libertou-a no dia 2, por tresentos mil réis que o Tavares recebeu.

D. CHIQUINHA — Ah! tratante! Ainda uma vez: tome a Mindoca! (Mindoca e Soares abraçam se).

DOUTOR — Uma vez que chegamos ao desenlace, é tempo de acabar com isto. Finis coronat opus. Vamos ao couplet final.

SOARES (desenlaçando-se de Mindoca e tomando uma attitude dramatica)--- Um instante (Desce ao proscenio.

Permitti que o artista, ao concluir-se a farça
Que teve unicamente a ingloria pretensão
Do riso despertar, que a lagrima cisfarça,
Venha a memoria honrar de um grande cidadão.

Na nossa curta historia
A pagina mais bella agora o reclamou.
No Pantheon da Gloria
De José Bonifacio o vulto altivo entrou.

(Apontam todos para o fundo—
Musica na orchestra).

MUTAÇÃO

QUADRO XVI

O PANTHEON BRASILEIRO

Apotheose a JOSÉ BONIFÁCIO

